

funarte
apresenta

XIX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

2011

TEATRO JOÃO CAETANO
SALA FUNARTE SIDNEY MILLER

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

DIAS 10, 17 E 19 DE OUTUBRO, ÀS 19h
DIAS 11, 12, 13, 14 E 18 DE OUTUBRO, ÀS 19h
DIA 16 DE OUTUBRO, ÀS 16h E ÀS 19h
DIA 15 DE OUTUBRO, ÀS 19h



Presidente da República

Dilma Rousseff

Vice-Presidente da República

Michel Temer

Ministra da Cultura

Ana de Hollanda

Fundação Nacional de Artes

Presidente

Antonio Grassi

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Diretor do Centro da Música

Bebeto Alves

Coordenador de Música Erudita

Flavio Silva

Coordenadora de Comunicação

Camilla Pereira

Governador do Estado do Rio de Janeiro

Sérgio Cabral

Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Fernando Pezão

Secretária de Estado da Cultura

Adriana Rattes

Subsecretária de Estado da Cultura

Olga Campista

Presidente da Funarj

Eva Doris

Diretor do Teatro João Caetano

Daniel Dias da Silva

XIX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

10 DE OUTUBRO A 19 DE OUTUBRO DE 2011

**TEATRO JOÃO CAETANO
SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ
ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ
SALA FUNARTE SIDNEY MILLER**

Patrocínio

Ministério da Cultura

Realização

Fundação Nacional de Artes / Funarte

Apoios

Secretaria de Estado de Cultura / Rio de Janeiro

Sala Cecília Meireles / Funarj

Orquestra Sinfônica Nacional / Universidade Federal Fluminense

Escola de Música / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Academia Brasileira de Música

Sala Cecília Meireles

Conservatório Brasileiro de Música

Organização

Flavio Silva
Maria José de Queiroz Ferreira

Comissão de Seleção

Antonio Tavares Ribeiro
Flávio Oliveira
Ilza Maria Costa Nogueira
José Augusto Mannis
Paulo Costa Lima
Roberto Ricardo Duarte
Vânia Dantas Leite

Coordenadores de programação

Aloysio Fagerlande
Ana Ietícia Barros
Marcelo Carneiro de Lima / Daniel Puig

Produção

Cristina Arruda
Elizabeth Lima da Silva
Ralyanny Guerra Belo
Roberta Castro
Rosana Lemos Loureiro

Equipe de apoio

Edyr José Rosa de Lima
José Carlos da Silva Martins
José Paulo de Rezende
Luis Carlos Silva
Orlando Motta Ramos

Equipe da Assessoria de Comunicação

Marcelo Mavignier
Alexsandra Abritta
Catia Lima
Luzia Amaral
Márcia Cotrim

Programação visual

Fernanda Lemos
Gilvan Francisco
Paula Nogueira

A XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea mantém sua característica essencial, que é a procura pela abrangência das mais variadas correntes de música erudita brasileira num único evento.

Não nos parece razoável privilegiar essa ou aquela concepção estética na atuação de um órgão público, que deve ser plural e aberto à diversidade.

Essa edição da Bienal traz uma importante novidade: pela primeira vez, teremos 74 obras em estreia mundial, das quais 59 foram selecionadas dentre as 384 inscritas por meio de Edital; e as outras 15 obras foram encomendadas a compositores que consideramos *hors concurs* por haverem participado de 14 ou mais Bienais.

Completam a programação dessa XIX Bienal cinco obras em homenagem a quatro compositores falecidos entre 2010 e 2011, e que participaram de edições anteriores desse evento.

Será, também, apresentada a *Missa de São Nicolau*, de Almeida Prado, pela Orquestra Bachiana Brasileira, executada anteriormente apenas em Freiburg, na Suíça, e em São Paulo.

As Bienais constituem ocasião ímpar para o encontro de compositores de várias tendências e de várias regiões do País. Retomando essa prática, organizamos com criadores, intérpretes e interessados três reuniões para a discussão de questões referentes à música erudita no Brasil.

Cabe agradecimento especial aos compositores que aceitaram participar do Edital lançado no ano passado; aos intérpretes que assumiram a tarefa de transformar em sons as partituras a eles confiadas; aos profissionais de diversas especialidades que contribuíram para a realização desses onze concertos; e às instituições que apoiaram o nosso trabalho – sem esquecer o público que tem prestigiado essas apresentações.

Antonio Grassi
Presidente da Funarte

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea Teatro João Caetano

10 de outubro de 2011 – segunda-feira, 19h



Alexandre Schubert



Danilo Valadão



João Bota



Borges-Cunha



Rogério Krieger



Vagner Cunha



Wellington Gomes

I

Danilo Valadão *A tempestade – uma tragédia no mar* *

Wellington Gomes *Geometrias flutuantes* *

Alexandre Schubert *Variantes* *
piano Midori Maeshiro

Vagner Cunha *Aleph* *
piano Maria Teresa Madeira

II

Borges-Cunha *Maxakali* *

João Victor Bota *Cordas parassimpáticas* *
I – Mote contíguo
II – Órnito ornato
III – Choro-Bartók

Rogério Krieger *Tocata sinfônica* *

Orquestra Petrobras Sinfônica
regente André Cardoso

* obras em estréia mundial, premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010

Alexandre Schubert (Alexandre de Paula Schubert, Manhumirim/MG, 23/02/1970), residente no Rio de Janeiro/RJ, é mestre e bacharel em composição pela UFRJ e autor de mais de noventa composições para as mais diversas formações. Recebeu 12 prêmios de composição, incluindo os primeiros lugares no Concurso de Composição para Percussão – PAS Brazil Chapter, no Concurso Nacional de Composição Lindemberg Cardoso, nas categorias “quinteto” e “música cênica” do Concurso Funarte de Composição/XIV Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Em 2003, participou do III Festival Ibero-americano de Cultura/São Petesburgo, com *Sinfonia Festiva*; em 2004, foi selecionado para integrar o festival suíço de música contemporânea World Music Day; em 2006, participou da Copa Cultural/Berlim; em 2008, apresentou *Instantes*, em Roma, onde realizou a conferência “200 Anos de Música Brasileira”, no Centro de Estudos Brasileiros; em 2009, sua ópera *Chagas*, em parceria com Silvio Barbato, foi apresentada no Palácio das Artes/ Belo Horizonte. Participa regularmente de eventos de música contemporânea no Brasil. É professor do Departamento de Composição da UFRJ, integra o projeto “Pauta Contemporânea” – Sesc e é membro do grupo de compositores “Prelúdio 21”.

Variantes, para piano e orquestra de câmara, divide-se em cinco seções num único movimento. O material básico provém do acorde formado pelas alturas Do, Fá, Si, Mi. Cada seção traz uma (re)elaboração desse material, derivando daí o título *Variantes*. O solista é ora tratado como protagonista do discurso musical, ora inserido no fluxo textural das seções.

Borges Cunha (Antônio Carlos Borges Cunha, 21/10/1952), compositor e regente, é orientador do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diretor artístico da Orquestra de Câmara Theatro São Pedro e regente titular da Orquestra de Câmara Fundarte. Apresentou obras suas na Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Uruguai. Seu *Concerto para viola e orquestra* foi objeto de pesquisa da Tese de Doutorado defendida por Ricardo Kubalaa, na Unicamp, em 2009. Como regente, tem contribuído para atualizar o repertório e renovar o interesse do público pela música orquestral, organizando programas de concertos que buscam conciliar obras tradicionais com as que seguem tendências da música atual, incluindo encomendas e estreias mundiais.

Maxakali foi concluída em 30 de setembro de 2010. O conteúdo expressivo e dramático da música resulta de turbulências no percurso temporal. As turbulências são interferências ou perturbações que articulam a macro-forma, além de intensificar o conteúdo emocional das estruturas locais. Na macro-forma, as turbulências podem ser percebidas por mudanças súbitas de andamento e de textura. O título da composição refere-se à comunidade dos índios Maxakali, sendo escolhido pela sonoridade da palavra e pelo interesse do compositor pelos rituais dos índios do Brasil.

Danilo Valadão (Danilo Freitas Valadão, Juazeiro/BA, 13/10/1987) iniciou a prática musical pelo violão, aos 12 anos. Em 2008, fez curso de composição, enquanto cursava o terceiro ano de Direito, logo abandonado. Estudou composição, literatura e estruturação musical com Wellington Gomes, Pedro Kröger, Agnaldo Ribeiro e Flávio José de Queiroz, e violoncelo com Suzana Kato.

A tempestade, de 2010, é a primeira obra sinfônica do compositor, feita para avaliação nas aulas de Wellington Gomes, e explora a correlação entre música erudita e música popular. Ela traz citações de músicas de Dorival Caymmi: *O mar*, *Suite dos pescadores* e *É doce morrer no mar*, para satisfazer uma vontade de fazer música inspira imagem de uma tempestade. A obra passeia por diferentes e contrastantes texturas e climas, do calmo ao violento, tentando narrar o início, o ápice e o fim de uma tempestade, e termina com a citação das três músicas em um clima forte e marcante. A serialização rítmica está presente na duração entre as quatro notas subsequentes, realizadas em diferentes momentos.

João Victor Bota (Rio Claro/SP, 31/12/1981) é técnico em transcrições musicais junto ao município de Cubatão e professor de orquestração contemporânea e análise na Escola de Música do Estado de São Paulo, a EMESP Tom Jobim, desde 2009. Sua dissertação de mestrado – “A transcrição musical como processo criativo” – foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Música da Unicamp. Músicas suas são tocadas por grupos brasileiros como as Bandas Sinfônicas do Estado de São Paulo, de Cubatão e do Conservatório de Tatuí, e ainda pelo Ensemble Percorso e pela Orquestra Sinfônica da Unicamp. Tem orquestrações apresentadas no Festival Música Nova, no Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão e em eventos análogos, além de obras apresentadas na Noruega, Espanha, Venezuela, Colômbia e Argentina.

Cordas parassimpáticas é uma espécie de “Concerto de Brademburgo bachiano com as notas erradas” -- algo como uma paródia do quadro da *Monalisa* com um grande bigode. Os compositores que de certa forma surgem, além de Bach, são Schoenberg, Messiaen e Bartók, todos eles procurando dialogar entre si.

Rogério Krieger (Curitiba/PR, 18/06/62), formado em violino pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, estudou harmonia e contraponto com Henrique Morozowicz e José Penalva, regência com Roberto Duarte, composição e orquestração com Roberto Burgel e Kamen Goleminov. Em Portugal, foi professor do Conservatório de Música do Porto e diretor artístico do Coro e Orquestra Juvenil de Pedrosa. Teve obras apresentadas no Institut Art and Performance/Liverpool/Inglaterra, na Feira da Cultura Brasileira/França, 2005, no Varna Summer Festival 2010/Bulgária, na Hacetepe Ankara Universite/Turquia, no Festival de Música de Espinho 1995/Portugal e pelo Quinteto Mirandela/Angola. É membro cofundador da Orquestra Sinfônica do Paraná, diretor da Orquestra de Câmara de Curitiba e da Orquestra Filarmônica Lions. Prêmios recebidos: Prêmio Saul Trumpet/2001, Talento Paraná/2002, Troféu Mariano Lima/2004, primeiro lugar no concurso de edição de partituras da Fundação Cultural de Curitiba/2008, com obra sinfônica.

A arquitetura orquestral da *Tocata sinfônica* está inspirada nas características formais livres e virtuosísticas da toca instrumental, com a orquestra sendo tratada como um imenso instrumento multisonoro. Está dimensionada sob a forma *A – B – Interlúdio – C – Fugato – A – Coda*, onde *A* traz tema com células em bem *marcato*, em sinergia rítmica enérgica; *B* tem estrutura cíclica em 7/8; o *Interlúdio* é um solo de vibrafone; *C* mostra matizes orquestrais inspirados na percussão brasileira; o *Fugato* é construído sobre fragmento de *A*; segue uma reexposição de *A* com samba em 3/4 seguido de *Coda final*.

Vagner Cunha (Porto Alegre/RS, 26/11/1973), compositor, arranjador e multi-instrumentista, atua em vários estilos na cena musical. Foi violinista na Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, Orquestra Unisinos, New England Conservatory Symphony, La Jolla Symphony e QSPA. Colaborou na gravação de mais de 100 discos de artistas brasileiros como Paulo Moura, Vitor Rami, Egberto Gismonti, Guinga, Bebeto Alves, Arthur de Faria. Como arranjador, idealizou e realizou, em 15 anos de trajetória, projetos envolvendo a fusão de músicos do cenário popular com orquestras brasileiras. Compôs trilhas musicais para mais de 40 projetos audiovisuais e filmes de autores como Pedro Zimmermann, Renato Falção, Fernando Belens e Rodrigo John. Suas composições têm sido estreadas por várias orquestras e grupos de câmara brasileiros. Dentre elas, destacam-se o *Concerto n° 1 para violino*, o *Concerto para piano e orquestra sinfônica* e *Mahavidyas*, balé em dois atos executado e gravado pela Orquestra de Câmara Theatro São Pedro e coreografado por Carlota Albuquerque. Atualmente dedica-se à gravação de três discos independentes de suas composições.

Wellington Gomes (Wellington Gomes da Silva, Salvador/BA, 02/08/1960), é doutor em composição pela UFBA, onde atua como professor de composição, literatura e estruturação musical, na graduação e na pós-graduação, e onde foi vice-diretor. Participa de eventos e concertos dedicados à música contemporânea brasileira; tem obras executadas no Brasil, Alemanha, Polônia, Noruega, Dinamarca, França, Espanha, Itália e Estados Unidos. Recebeu o 1º Prêmio na XIV Apresentação de Compositores da Bahia (1981), no I Concurso Nordestino de Composições Camerísticas (1984) e no IV Concurso Nacional de Composição (Salvador, 1989); o 2º Prêmio no V Concurso Nacional de Composição (Salvador, 1991); o 3º Prêmio no III Concurso Nacional de Composição Heitor Villa-Lobos (Brasília, 1987); o Prêmio Público na XVIII Apresentação de Compositores da Bahia (1987); o Prêmio Copene de Cultura e Arte (Salvador, 1996) e o Prêmio Internacional de Composição “Klang der Welt – Drei lateinamerikanische Länder” (Berlim, 2008). Tem obras para solistas, vozes, conjuntos camerísticos e orquestrais, inclusive com coro.

Geometrias flutuantes foi composta com base num conjunto de gestos musicais caracterizados por naturezas técnico-musicais diversas. Tanto a estrutura harmônica – hibridamente construída entre diatonia e estruturas de *clusters* – quanto a estrutura rítmica – apresentando uma mescla de ritmos da tradição ocidental com ritmos afro-brasileiros – foram delineadas gestualmente por uma orquestração estrategicamente vertical. Em grande parte da obra, este conteúdo harmônico-rítmico está concatenado com os contornos melódicos, que por sua vez são apresentados de maneira a criar um conjunto de gestos. Esse conjunto de gestos é apresentado, tanto na sua forma original, como variado e transformado com base na alusão a um conjunto de estruturas geométricas que flutuam no espaço sonoro.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

11 de outubro de 2011 – terça-feira, 19h

MÚSICA ELETROACÚSTICA

I

Paulo Guichenev *Musik nach W.* *
difusão Paulo Guichenev

Marcus Alessi Bittencourt *Dharmapala V: Mahakala* *
escaleta Marcus Bittencourt
operadora de live electronics Cláudia Gomes Mattje

Rael B. Gimenes *O resto no copo* *
contrabaixo Saulo Generini Bezerra de Mello
difusão Rael B. Gimenes

II

Cristina Dignart *Locus* *
difusão Daniel Puig

Alessandro Goularte Ferreira *Cordamadeira* *
violão Mario di Silva
difusão Marcelo Carneiro de Lima

Washington Denuzzo *Natureza insólida* *
difusão Washington Denuzzo

L. C. Csekö *Songs of oblivion 14* *
percussão Joaquim Abreu, *guitarra elétrica* Aloysio Neves
scenic, sonic, light design, difusão Luiz Carlos Csekö

coordenação Marcelo Carneiro de Lima
Daniel Puig

* obras em estréia mundial, premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010



Alessandro Goularte Ferreira (Pelotas/RS, 17/07/1976), compositor, arranjador e *designer* sonoro, é bacharel em música pela UFPel (2004) e mestre em teoria e criação musical pela UFPR (2010). Estudou composição e arranjo com Ivan Jevtic, *jazz composition* com Santiago Quintans, música eletroacústica com Daniel Quaranta e Rogério Constante. Ganhou diversos prêmios como arranjador e cancionista, e possui vários trabalhos gravados em CDs. Trabalhou como arranjador na Universidade Feevale (2002-2003) e como docente na UFPel (2005-2007). Atualmente é vinculado à Universidade Federal de São Carlos, e trabalha como compositor de trilhas para TV, filme, videogame, e animação.

Cordamadeira diz respeito à simbiose de três elementos relacionados ao violão: *cor* (timbre), *cordas* e *madeira*. A imagem sonora da queda de uma árvore, idéia inspirada em texto de Paul Rudy (*Timbral Praxis: when a tree falls in the forest is it music?*), foi traduzida pelo compositor via processo metafórico, em três gestos musicais denominados *golpe*, *corte*, e *derrubada*. Estes gestos compreendem as três principais etapas do enunciado, exposto no início da obra. Técnicas como prolongamento e redução temporal de evento, e expansão do espaço espectral foram inspiradas em procedimentos habituais da música tonal tradicional. Padrões culturalmente adquiridos de expectativas foram explorados através de interrupções de movimentos e silêncios estruturais. De maneira paralela à estruturação retórica do discurso musical, foi utilizado o processo de transformação sonora de uma área tímbrica, ou textural, em outra, através de processamento de áudio, edição, e re-síntese. Os sons eletroacústicos provêm do violão, com exceção de alguns sons tipo ataque/ressonância, gerados por síntese aditiva.

Cristina Dignart (Maria Cristina Dignart de Carvalho Rocha, Cuiabá/MT, 09/08/1982), formada em música pela UFMT, recebeu aulas de composição de Roberto Victorio. É mestre em música (composição e novas tecnologias) pela UFGO, sob a orientação de Anselmo Guerra. Tem peças apresentadas em várias cidades brasileiras e sua obra *Fronteras* foi recentemente executada na instalação *SoundWalk*, no Festival Música Viva, em Lisboa. Atua principalmente na música eletroacústica. É membro do Núcleo de Estudos do Contemporâneo da UFMT, do Núcleo de Estudos de Composição e Interpretação da Música Contemporânea, e professora efetiva no Departamento de Artes da UFMT.

Locus é uma obra acusmática para quatro canais, que busca explorar as possibilidades de fruição do espaço que a música eletroacústica proporciona num ambiente sonoro que não corresponde necessariamente àquele em que a obra é difundida. A peça foi concebida com a intenção de proporcionar ao ouvinte, através da escuta, a construção de espaços acústicos virtuais. Conceitos como vazio, localizações, proximidades e preenchimentos foram explorados pelo uso de gestos e texturas sonoras que fazem alusão às diversas dimensões de percepção do espaço ocupado ou percorrido.

Luiz Carlos Csekö (Salvador/BA – 1945) atua intensamente no cenário brasileiro e internacional de música experimental e multimeios, com mais de 100 obras compostas. É produtor/coordenador e diretor cênico-musical de eventos de ponta: *Interfaces* (em 25ª edição, com obras suas); *Música, Tecnologia & Multimeios*; *Música de Concerto Século 21 – Formação de Público*; *Canas da Música Contemporânea/Centro Cultural Telemar* entre outros. Diretor executivo, membro fundador do *Núcleo de Música Experimental & Intermedia/Rio de Janeiro*, tem recebido vários prêmios e encomendas. No Conservatório Brasileiro de Música, nos Seminários de Música ProArte e no circuito universitário conduz, como educador e pesquisador, a Oficina de Linguagem Musical, projeto de pesquisa continuada de sua autoria em pedagogia, processo de criação e escuta, linguagem musical experimental. É, também, escritor, articulista e palestrante, *light-scenic-sonic designer*, fundador e diretor do ensemble *BATUCADANARQUICA*.

O fluxo textural de *Songs of oblivion 14* é propeliado por um contraponto de timbres e densidades. Registrada por improvisação com elementos determinados, acaso, notação gráfica híbrida e extensa investigação tímbrica apoiada por microfonação/amplificação, a peça adensa e rarefaz, com insólitas interações entre guitarra elétrica processada, berimbaus horizontais, pratos e vibrafone friccionados. Como em toda a sua obra, ela interfaceia investigação de linguagem com intervenção visual (*scenic/light design*), concisão poética, compactação onírica de tempo-espaço em suspensão. Essa obra faz parte da série *Songs of oblivion*, para diversificada formação instrumental.

Marcus Alessi Bittencourt (Garland/Texas/EUA, 04/02/1974) foi discípulo de Willy Corrêa de Oliveira e Tristan Murail. Bacharel em música pela ECA/USP, mestre e doutor em composição musical pela Universidade de Columbia/NY, lecionou nesta universidade, no Lehman College da City University/NY e no College of William and Mary/Virginia/EUA. É professor de composição, teoria e computação musical na Universidade Estadual de Maringá/PR, onde coordena o Laboratório de Pesquisa e Produção Sonora. Sua música, de cunho experimental, é marcada

pelo uso de uma paleta variada de técnicas e de materiais sonoros, que refletem seu interesse e sua investigação nos domínios da forma, da polirritmia e das simultaneidades, do timbre, da perspectiva espacial sonora, da microtonalidade e da orquestração de objetos sonoros. Tem obras executadas nos Estados Unidos, Europa e Brasil. Recebeu o primeiro prêmio no Projeto Nascente V de 1996, bolsa de estudos da fundação americana Andrew Mellon para pós-graduação na Universidade de Columbia/NY, e residência no Centro Studi Ligure da Fundação Bogliasso/Gênova/Itália.

Dharmapala V. Mahakala é a quinta peça de coleção de oito obras para solo instrumental e *live electronics*, produzidas por meio da interação ao vivo de um músico com um ambiente eletroacústico computacional fechado automático e exploratório, projetado e implementado pelo próprio compositor. "Dharmapala", do sânscrito, significa "Defensor do Caminho da Doutrina", e denota membro de grupo de oito divindades iradas budistas, seres poderosos com múltiplas cabeças, braços e pernas, coroados com crânios, de dentes afiados em bocarras escancaradas. Sua função é destruir as paixões da mente e proteger o Dharma, a doutrina. Das oito peças, dedicadas a cada Dharmapala, a quinta é para Mahakala, o Escuro, um dos porteiros de Shiva.

Paulo Guicheney (Paulo Cesar Guicheney Nunes, Goiânia/GD, 14/05/1975) estudou piano e composição com Estêrcio Markez Cunha na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, onde atualmente é professor de composição e contraponto. Lecionou composição na Universidade de Brasília. Em Darmstadt/Alemanha e em Graz/Austria, frequentou as classes de Mark André, Rebecca Saunders, Enno Pope, Georges Aperghis e Pierluigi Billone. Foi aluno de Almeida Prado no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Recebeu o prêmio Funarte na XVII Bienal de Música Contemporânea Brasileira, em 2007. Foi convidado, em 2011, como compositor, conferencista e professor para o VII Festival Internacional de Música Contemporânea de Morelia (México). Trabalha atualmente na composição da ópera *A floresta de ossos*. Apropriar-se de uma obra conhecida, desmontá-la, despedaçá-la, escutar com outros (e novos) ouvidos. Esta foi a motivação para a composição de Musik nach W.

Rael B. Gimenes (Rael Bertarelli Gimenes Toffolo, São Paulo/SP, 18/03/1976), formado pela Unesp, estudou com Edson Zampronha e Flo Menezes Filho. Atua como pesquisador nas áreas de cognição musical, redes neurais artificiais aplicadas à percepção auditiva e psicologia ecológica. Como compositor, dedica-se à música instrumental, eletroacústica solo, mista e *live-electronics*, com obras premiadas no Ogólnopolski Osrodek Sztuki dla Dzieci i Młodzieży - Polônia, no Concurso Nacional Ritmo e Som e no First International Electroacoustic Composition-MG. É professor de Composição e Matérias Teóricas da Universidade Estadual de Maringá - PR e doutorando em composição pela Unesp, sob a orientação de Flo Menezes Filho.

A obra *O resto no copo*, dedicada ao amigo e contrabaixista Alexandre Rosa, foi concebida como um diálogo, tal qual na música de câmara, entre o contrabaixo e a eletrônica em tempo real. Assim, o instrumentista pode ter um controle mais direto dos eventos gerados pela eletrônica, ao mesmo tempo em que o instrumentista também depende do comportamento da eletrônica para guiar suas escolhas interpretativas. As variações de dinâmica executadas pelo instrumentista são utilizadas como parâmetro musical para controlar diversos aspectos da textura harmônica e rítmica do *live-electronics*, como a densidade e a abertura no registro dos acordes, a velocidade das granulações, o tamanho das bandas de filtros, entre outros.

Washington Denuzzo (Washington Borba de Queiroz Denuzzo, São Paulo/SP, 27/02/1982) iniciou os estudos de composição tardiamente. A aproximação com a música eletroacústica, mais precisamente a acusmática, se deu através dos concertos realizados por alunos da Unesp no começo dos anos 2000, início de sua graduação em composição e regência. Os Estúdios de Música Contemporânea, como eram chamados, reuniam em seu repertório exemplos diversos da música contemporânea, dentre eles a música acusmática. Foi aluno de composição de Flô Menezes e integrou o Estúdio Panaroma, onde participou de concertos e se aprofundou em tudo que envolve a composição acusmática.

Natureza insólida, para dois canais, foi concebida a partir de sons com diversas características e matizes. As diferenças morfológicas permitem a realização de texturas harmônicas e dão movimento à peça na medida em que são realçadas ou mascaradas. Criar um discurso sem ter por base um sistema tradicionalmente reconhecido requer atenção às possibilidades intrínsecas ao som, bem como impela o compositor a imaginar como o intérprete, que no caso da música acusmática é o ouvinte, percorrerá sua criação. *Natureza insólida* é uma trilha por onde os intérpretes são conduzidos por um fio temporal, porém os ouvintes, enquanto caminham, são livres para verem e ouvirem conforme a direção que dão a seus sentidos.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

12 de outubro de 2011 – quarta-feira, 19h



Alex Kantorowicz



Arnaldo Di Pace



Carlos Cruz



Gustavo Alfaix



Jorge Meletti



Leonardo de Assis Nunes



Rafael Borges Amaral



Roberto Victorio

I MÚSICA ELETROACÚSTICA

- Rafael Borges Amaral *Impaciência televisiva* *
difusão Daniel Puig
- Arnaldo Di Pace *Riscos* *
percussão Leo Souza e Rodrigo Foti
espacialização Arnaldo Di Pace
- Roberto Victorio *Canto dos Aroe* **
clarone Paulo Passos, *percussão* Leo Souza e Rodrigo Foti, *violoncelos* Paulo Santoro e Ricardo Santoro, *contrabaixo* Cláudio Alves, *difusão* Pauxy Gentil-Nunes
regente Roberto Victorio

II PERCUSSÕES E OUTROS INSTRUMENTOS

- Carlos Cruz *Instantes sonoros (2000)*
piano Maria Teresa Madeira
- Gustavo Alfaix *Das Berges letzter Gesang* *
trompete Maico Lopes, *percussão* Daniel Serale
- Jorge Meletti *Não se pode esquecer* *
flauta solo Raul Costa d'Ávila
- Leonardo de Assis Nunes *Notturmo* *
vibrafone Henrique Medeiros, *marimba* Ana Leticia Barros, *piano* Marina Spoladore
- Alex Kantorowicz *Dialética das durações* *
percussão Paraguassu Abrahão

coordenação de percussão Ana Leticia Barros
coordenação de música eletroacústica Marcelo Carneiro de Lima
Daniel Puig

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010;
- ** encomendada pela Funarte em 2010

A obra de Carlos Cruz é apresentada em homenagem ao compositor, falecido em 2011

Alex Kantorowicz (Alex Kantorowicz Buck, São Paulo/SP, 16/03/1980) iniciou estudos de música na escola do Zimbo Trio. Aos 17 anos, foi premiado no "Batukal", maior concurso de bateristas do país, em duas das cinco categorias: melhor composição e performance. Sob o nome Alex Buck, acompanhou músicos como Dominginhos, Yamandú Costa, Hamilton de Holanda e Hermeto Pascoal; tem vasta discografia na música instrumental brasileira, destacando-se dois discos solo com composições próprias. Em 2007, no primeiro festival nacional dedicado à música instrumental, sua obra *Cidade de Deus* foi a primeira colocada e recebeu o prêmio de melhor arranjo. Desde 2008, aprofunda estudos em composição erudita com Marcus Siqueira. Atualmente é aluno de composição da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e trabalha em dois projetos para formações camerísticas: 'aforismos musicais' e 'Koans musicais'. Em comum têm a escolha por uma escritura aforística, não sistemática, incorporando o silêncio no discurso musical e a atenção do intérprete à própria respiração. Para suas criações eruditas, adota o nome artístico Alex Kantorowicz, e explica: "não por negação à história percorrida dentro da música instrumental mas para identificar esse lado que quer se expressar e dialogar com uma estética distinta, a erudita, espaço onde posso dar vazão a outros impulsos."

Sobre a obra *Dialética das durações*, na exposição de sua "filosofia do repouso", Gaston Bachelard destaca a importância que a meditação e o repouso têm na busca por uma diferente relação/percepção do tempo e, por conseguinte, por uma outra qualidade existencial humana. O compositor procurou, através do contraste entre as densidades de informações e intensidades com que são apresentados os materiais sonoros, representar analogamente duas dessas possíveis relações humanas com o tempo.

Arnaldo J. Di Pace (Arnaldo Juan Di Pace, Buenos Aires/Argentina, 29/01/1953) é licenciado em composição com meios eletroacústicos pela Universidade Nacional de Quilmes/Argentina, formado em regência coral pelo Conservatório Provincial "Juan José Castro", Buenos Aires/Argentina e mestre em Música pela UFRJ, orientado por Rodolfo Caesar. Atua como compositor, *sound designer*, docente e pesquisador e tem peças eletroacústicas, que são tocadas na Argentina, Cuba, México, Chile, Canadá e outros países. Em 2000 e 2003, apresentou em Buenos Aires o espetáculo multimídia *Medea [ritos]*, baseado na tragédia de Eurípedes, para atriz e grupo de dança-teatro, com música eletroacústica tocada ao vivo e som espacializado. Fez *sound design* para longametragens, música para publicidade e telefilmes, ambientação sonora de exposições e para espetáculos teatrais; compôs trilhas sonoras para filmes e vídeos de curta e de longametragem e para curtas de animação. Integrou os júris de festivais de cinema e vídeo em Curitiba, Buenos Aires e Rio de Janeiro, e participou de encontros, simpósios e seminários em cidades brasileiras e em La Habana/Cuba, Barcelona/Espanha, México, Banff/Canadá, Buenos Aires e Winchester/Inglaterra. Tem textos publicados na Argentina, Brasil, México e EUA. Finalizou há pouco seu segundo livro, *Atirem no Cantor do Jazz*, voltado ao complexo mundo do som no cinema silencioso, e atualmente faz pesquisas sobre aspectos particulares das percepções audiovisuais.

Riscos procura explorar analogias e ambigüidades entre os sons dos instrumentos de percussão e os sons gravados, alguns deles desde os mesmos instrumentos de percussão. Também trabalha para que cada interpretação da peça constitua um fato particular, tanto pela participação dos músicos ao vivo quanto por introduzir seções de improvisação.

Gustavo Alfaix (Gustavo Oliveira Alfaix Assis, Goiânia/GO, 11/09/1981) é compositor, musicólogo e violista. Fez bacharelado em composição musical na Unicamp, de 2000 a 2005, e mestrado em musicologia na Unesp, em 2008, com a dissertação *Em Busca do Som: a música de Karlheinz Stockhausen nos anos 1950*, sob a orientação de Fló Menezes e com apoio financeiro da FAPESP. Desde 2009, é professor de teoria musical e viola no Centro Cultural Gustav Ritter, em Goiânia/GO, de cuja Orquestra de Câmara Jovem é professor e regente. É bolsista do DAAD/Capes para doutorado pela Georg-August-Universität Göttingen, Alemanha, no período 2012-2015.

Das Berges letzter Gesang é um experimento sonoro que lida com a ideia de referencialidade em música. Diversos trechos do canto do rouxinol foram selecionados e transformados em janelas temporais de diferentes tamanhos. Com a ajuda de sonogramas, esses sons foram analisados de várias maneiras, dando origem ao material musical bruto. O passo seguinte compreende um planejamento da forma global da peça e de vários aspectos particulares de cada seção, como instrumentação, densidade, indicação de tempo, estrutura melódica etc. Por fim, esses momentos de tempo foram compostos e conectados.

Leonardo Nunes (Leonardo de Assis Nunes, Itaiópolis/SC - 30/06/1980), bacharel em composição musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é também especialista em informática na educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação daquela Universidade, onde participou como bolsista de iniciação científica (PIBIC/UFRGS), analisando as canções para voz e piano do compositor gaúcho Armando Albuquerque. Atua como pesquisador, tutor presencial e músico de mídias digitais no curso de Licenciatura em Música, modalidade à distância, da UFRGS, programa instituído pelo MEC, para o qual também produz composições e arranjos. Atualmente, trabalha e reside em Itaiópolis, interior de Santa Catarina.

Noturno explora diferentes combinações tímbricas entre os instrumentos onde o piano é o responsável por originar a construção melódico-harmônica do vibrafone e da marimba. A obra apresenta-se em constante busca de identidade; esta busca revela-se na arquitetura de alturas que ora estão em uníssono, ora em oitavas, ora em intervalos vizinhos desses. As ideias fluem em *through-composition*, apresentando uma continuidade de pensamento ao longo da peça. Adiante, essa continuidade é cessada fazendo retornar aos elementos dos primeiros compassos,

porém em variação. Este retorno vai cedendo espaço a uma composição cada vez mais cordal, chegando no final a uma estrutura estável, quase estática. A peça foi composta com base nas obras do compositor alemão Walter Zimmermann, com quem manteve contato durante a composição desta obra.

Jorge Meletti (Jorge Geraldo Rochedo Meletti, Porto Alegre/RS, 21/06/1974) é bacharel em música, com habilitação em composição, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde concluiu o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Música, em 2004, sob a orientação de Antônio Carlos Borges Cunha. Atualmente cursa o doutorado no mesmo Programa, sob a orientação de Celso Loureiro Chaves.

Não se pode esquecer, para flauta solo, investiga possibilidades de utilização musical de elementos inerentes à voz falada e ao discurso verbal, tomando prosódia e entonação como elementos centrais desta aproximação. Parâmetros prosódicos como linha de declinação, contorno entonacional, valores da frequência fundamental, estrutura rítmica e acentual e as noções de segmentação, continuidade e finalização, estruturação hierárquica local e global, e caracterização emocional da fala foram reproduzidos musicalmente, dando origem a contrapartidas musicais. Assim, estruturas como grupos fônicos, enunciados, inserções parentéticas, enumerações e parágrafos são integradas em um discurso hipotético, representado pela peça como um todo. As aspas no título são significativas e apontam para a origem da peça: transcrições instrumentais de excertos de voz falada – citações, portanto – de um conhecido apresentador televisivo em Porto Alegre. O material resultante destas transcrições foi extensivamente adaptado, ampliado, reorganizado e, posteriormente, utilizado composicionalmente. Apesar de o resultado musical final reter algo das características prosódicas e expressivas dos excertos originais, não há intenção de equivalência semântica e comunicativa entre as duas manifestações – musical e verbal.

Rafael Amaral (Rafael Borges Amaral, Campinas/SP, 22/01/1982) foi aluno de composição de Aylton Escobar, Rodolfo Coelho e Ronaldo Miranda na Universidade de São Paulo. Premiado pelo projeto Nascente e pelo concurso de composição da OCAM-USP, é atualmente aluno de composição de Joshua Fineberg na Boston University, onde cursa seu mestrado.

Impaciência televisiva – é desesperante a impaciência, quando fruto da preguiça e da falta de interesse.

Roberto Victorio (Roberto Pinto Victorio, Cuiabá/MT, 19/12/1959) é mestre em composição e doutor em etnomusicologia. Como pesquisador, tem o trabalho voltado para a música ritual da etnia Bororo de Mato Grosso. Como compositor tem em seu catálogo mais de duas centenas de obras gravadas e executadas nos principais eventos no Brasil e no exterior. Prêmios recebidos: Latino Americano para orquestra; Contrechamps; Festival Internacional de Budapeste; Sociedade Internacional de Música Contemporânea; Tribuna Internacional da UNESCO; além de outros no Brasil. Regeu a Orquestra de Câmara do Rio de Janeiro e a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Mato Grosso, em repertório voltado exclusivamente para a produção contemporânea. É regente, diretor musical e instrumentista do Sextante, grupo de câmara que fundou, em 1986, no Rio de Janeiro, e que até hoje, em Mato Grosso, trabalha exclusivamente com a produção musical brasileira contemporânea. É professor de composição, etnomusicologia e estética da música da graduação e do mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) na Universidade Federal de Mato Grosso e diretor das Bienais de Música Brasileira Contemporânea de Mato Grosso.

Canto dos Aroe é a terceira parte da *Trilogia Bororo*, escrita a partir do tríduo final do rito funerário dessa etnia, pesquisada *in loco* pelo autor durante três anos na região do Araguaia/MT, onde as sonoridades deste imenso ciclo de cantos rituais são transplantadas (*in natura* e processados) para uma realidade camerística e acopladas a uma rede numerológica que se conecta com os acontecimentos aléuísticos onde os sete integrantes da performance atuam como verdadeiros chefes-de-canto.

Samuel Peruzzolo-Vieira (Samuel Peruzzolo Vieira, Bagé/RS, 12/12/1982), mestre em música pela Texas A&M University-Commerce sob a orientação de Brian Zator, é professor de percussão no Conservatório de Música de Ourém e Fátima/Portugal. Bacharel pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), teve aulas de composição com Dimitri Cervo e Amaro Borges. Em 2007, estudou em Innsbruck e em Viena/Austria. Teve ainda aulas de composição com Ted Hansen e Jack Fortner (EUA) e João Neves (Portugal). No Rio Grande do Sul, integrou, em Santa Maria, a Orquestra Sinfônica local e o Grupo de Percussão da UFSM, e em Porto Alegre, foi *spalla* de naipe da Orquestra Filarmônica da PUC/RS e percussionista da ÓSPA e de outras orquestras. Apresentou obras na Argentina, Austria, EUA, França, Portugal, e em alguns dos principais pólos musicais brasileiros, por grupos como o PIAP, GP/UFBA, GP/UFSM, Sextante e Duo Percosur (França). Em 2009, foi um dos vencedores do Prêmio de Música Contemporânea da Funarte. Tem obras gravadas em CDs já lançados e em preparação; um outro será lançado, em 2011, nos EUA.

A caixa de Pandora, composta a partir da lenda grega de Pandora, proposta por Hesíodo e Homero, nasce de uma interpretação empírica e subjetiva da existência e da razão dos males que constituíam o conteúdo da caixa. Doença, loucura, velhice, trabalho e mentira são alguns destes. Em contraposição, a esperança é igualmente abordada neste texto musical, todavia mantendo-se reclusa, assim como na lenda. A música, ao mesmo tempo em que apresenta motivos cíclicos, vive com disparidades antagônicas, métricas, contextuais ou temporais. Como resultado tem-se, numa formação espelhada, os sons ritualísticos e híbridos da percussão a produzir uma sonoridade ora agressiva e dessincronizada, ora simbiótica e matizada.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

13 de outubro de 2011 – quinta-feira, 19h



Christian Benvenuti



Edgard Felipe



Jorge Antunes



Marcos Branda Lacerda



Murillo Santos



Rodrigo Lima



Samuel Peruzzolo-Vieira

I

PERCUSSÕES E OUTROS INSTRUMENTOS

- Samuel Peruzzolo-Vieira *A caixa de Pandora **
percussão Daniel Serale e Paraguassu Abrahão
- Edgard Felipe *Gris **
viola Fernando Thebaldi, violoncelo Hugo Pilger, contra baixo Larissa Coutrim, clarineta Batista Jr., fagote Aloysio Fagerlande, trompeta David Alves, trompa Philip Doyle, celesta Leticia Lima, piano Viviane Sobral, harpa Elza Marins regente Paulo Sérgio Santos
- Christian Benvenuti *Mnesterophonía **
barítono Fabrizio Claussen flauta doce Helder Parente, piano João Vidal, violino Fernando Pereira, viola Dhyán Toffolo, violoncelo Cláudia Grosso, contra baixo Larissa Coutrim, percussão Daniel Serale, Janaína Sá e Pedro Moita regente Ubiratã Rodrigues
- ### II
- Murillo Santos *Música II ***
pianos Patrícia Bretas e Josiane Kevorkian percussão Rodrigo Foti e Leo Souza
- Rodrigo Lima *Consonare **
violoncelo solo Eleonora Fortunato flauta Sofia Ceccato, clarineta Marcos Passos, fagote Paulo Andrade, piano Luciano Magalhães, violino Dhyán Toffolo, viola Fernando Pereira, percussão Janaína Sá regente Ubiratã Rodrigues
- Marcos Branda Lacerda *... una especie de parodia... **
violino Carla Rincon, viola Fernando Thebaldi, violoncelo Hugo Pilger, flauta Rubem Schuenck, oboé Janaína Perotto, clarineta Batista Jr. harpa Elza Marins, marimba Rodolfo Cardoso regente Paulo Sérgio Santos
- Jorge Antunes *Brasil de pé atrás: quatro momentos de pé ***
*I – O pé de vento e o ígarapé
II – O pé de chinelo com bicho-do-pé
III – O sapo barbudo pé ante pé
IV – A utopia do pé de manacá.*
violino Carla Rincon, viola Fernando Thebaldi, violoncelo Hugo Pilger, contra baixo Larissa Coutrim, flauta Rubem Schuenck, clarineta Batista Jr., bandolim Paulo Sá, violão Paulo Pedrassoli, harpa Elza Marins, percussão Rodolfo Cardoso regente Paulo Sérgio Santos

coordenação de percussão Ana Leticia Barros

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010;
- ** encomendadas pela Funarte em 2010

Edgard Felipe (Edgard Felipe Alves, Brasília/DF, 31/07/1989) tem no avô organista sua primeira relação com música erudita. Em 1999, entrou para a banda da escola, tocando trompete, e no ano seguinte ingressou na Escola de Música de Brasília, onde estudou por quatro anos, para depois ingressar na Universidade de Brasília, onde estudou composição com Sérgio Nogueira. Fez estudos complementares de composição com Arthur Kampela e Sílvio Ferraz, e de regência com Emílio de César e Kirk Trevor. A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro estreará este ano sua primeira obra sinfônica.

Grís trava um simples diálogo entre impressionismo e pós-serialismo, e cria estruturas com conjuntos de poucas notas para servirem de cama a melodias. Às vezes, a ideia é a de uma melodia de texturas. A obra é um ciclo de miniaturas em sete partes, das quais quatro são principais e três, secundárias, a saber: *A – 1 – B – 2 – B' – 3 – A'*, onde *A* e *B* são partes principais, e *1*, *2* e *3*, interlúdios. Em todas as partes são encontrados resquícios de outras. As texturas pretendidas são trabalhadas mediante instrumentação adequada.

Jorge Antunes (Jorge de Freitas Antunes), violinista, compositor e regente, fez o curso de física na extinta Faculdade Nacional de Filosofia e é um dos precursores da música eletrônica no Brasil. Realizou estudos de pós-graduação em composição no Instituto Torcuato Di Tella/Buenos Aires; estudou no Instituto de Sonologia da Universidade de Utrecht e no Groupe de Recherches Musicales de l'ORTF. Fez o doutorado em estética na Sorbonne, Universidade de Paris VIII, tendo Daniel Charles como orientador. Em 1973, ingressou como professor na Universidade de Brasília. Aposentou-se, em 2011, mas continua na UnB como Pesquisador Sênior. Obteve vários prêmios nacionais e internacionais, e tem vários CDs e livros editados; suas obras são publicadas por importantes editoras internacionais. É membro da Academia Brasileira de Música.

Botei o pé no mundo: quatro momentos de pé – “Queriam pegar no meu pé. Tudo estava em pé de guerra. Não dava pé ficar por aqui. Depois voltei com o pé direito e, pé ante pé, construí vidas. Com o pé nas costas inovei e forjei novas obras e novas cabeças. Alguns caíram, mas caíram de pé. Insistimos, ficamos no pé. Nos últimos tempos fiquei com um pé atrás. Vi gente falando ao pé do ouvido, levando as coisas ao pé da letra. A luta não acontecia em pé de igualdade. Uns lambiam os pés de corruptos. Outros, com os pés na cova, juravam de pés juntos que eram honestos. O povo com o pé na lama. Uns metiam os pés pelas mãos. No poder estavam mentirosos com pés de barro. O canalha não arredava pé e fazia pé de meia. Era capaz de usar pé de cabra. O povo levava pontapé. Pensei dar no pé. Não arredei pé. Com os pés no chão, resisti. Nesta obra, composta em 2010, tomo pé da situação e piso no pé dos eternos donos do poder.”

Marcos Branda Lacerda (São Paulo/ SP - 28/09/1954), compositor e musicólogo, é professor do Departamento de Música da ECA/USP. Nasceu em São Paulo, em 1954, graduou-se pela Universidade de Colônia, Alemanha, e realizou seu doutorado na Universidade Livre de Berlim. Em 1988, publicou em Hamburgo a tese de doutorado sobre conjuntos musicais iorubá do Benim, África Ocidental; concluiu recentemente um abrangente estudo sobre ritmo na música Fon do mesmo país, e prepara atualmente a publicação em livro de suas pesquisas para uma importante editora. Publicou a esse respeito o CD *Yoruba drums from Benin*, editado pela Smithsonian Institution, Washington DC, assim como uma produção subsequente da Funarte. É autor de vários artigos musicológicos e sobre cultura musical. Dirigiu os trabalhos de recuperação do acervo da Missão de Pesquisas Folclóricas promovida por Mário de Andrade, em 1938, e editou uma abrangente coletânea deste material de seis CDs para o Centro Cultural São Paulo e Sesc-SP. Foi autor do projeto e produtor geral da coleção de cinco CDs *Música da câmara brasileira*, patrocinada pelo Petrobras, e coordena o Laboratório de Acústica Musical e de Informática ECA/USP. Estudou composição com Osvaldo Lacerda e Hans Joachim Koellreutter e, na Alemanha, manteve contacto com Nikolaus A. Huber. Participa regularmente, como compositor, de diversos encontros de música contemporânea.

“O título *...una especie de parodia...* foi dado à peça em fase avançada de construção, a partir de um conto de Cortázar. Neste conto, pensamentos fugazes sobre o tempo e as coisas permanecem como uma paródia de si mesmas, já que

nunca ultrapassam a forma de fragmentos dispersos em meio à vida incerta de um personagem singular.”

Murilo Santos (Rio de Janeiro/RJ, 30/03/1931) fez iniciação musical com Liddy Mignone, estudou piano com Arnaldo Estrella, realizou estudos teóricos com Francisco Mignone, Paulo Silva, Esther Scliar e Guerra Peixe e completou o curso de composição e regência da Escola de Música/UFRJ, tendo como mestres José Siqueira, Henrique Morelebaum e Eleazar de Carvalho. Estudou piano com Arnaldo Estrella e diplomou-se em pós-graduação nesse instrumento. Em 1973, obteve o primeiro prêmio em música de câmara no Concurso Nacional de Composição promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro; no ano seguinte, conquistou o 2º lugar no 2º Concurso Nacional de Composição patrocinado pelo ICBA (Munique, Alemanha) com a obra *In Memoriam*, que teve estreia mundial realizada pela Orquestra de Câmara de Colônia/Alemanha em excursão latino-americana (1974). Recebeu menções honrosas em concursos promovidos pela Funarte, bem como o 2º lugar no Concurso Nacional da Rio Arte/1996. Sua *Missa Brevis* foi estreada na Itália, em 1988; é também autor da ópera *Palmares*. Aposentou-se como professor de composição na EM/UFRJ.

Rodrigo Lima (Rodrigo da Silva Lima, Guarulhos/SP, 25/09/1976) iniciou estudos em Goiânia/GO. É bacharel em composição pelo Departamento de Música da Universidade de Brasília e mestre pela Unicamp. Suas composições têm sido estreadas regularmente em festivais de música contemporânea no Brasil, Chile, México, Espanha, França e Estados Unidos. Dentre os prêmios recebidos, destacam-se: Premio Internacional Iberoamericano Rodolfo Halffter de Composición 2008 (México); Compositor residente do *5th international Forum for young composers 2008*, em Paris (França); Prêmio Francisco Guerrero Martín no XVII Premio Jovenes Compositores-CDMC 2006, em Madri (Espanha); 1º Prêmio do Concurso Nacional Camargo Guarnieri de Composição 2005 (Brasil). Dentre seus intérpretes destacam-se: *Ensemble Aleph* (França), *Sonor Ensemble* (Espanha), *Camerata de las Americas* (México), *OrchestrUtopica* (Portugal), Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, *Quinteto Brasília* e *Camerata Aberta*. Atualmente é professor de composição da Escola de Música do Estado de São Paulo e membro da *Sociedade General de Autores y Editores* (SgAe), sediada na Espanha.

Consonare, do latim, soar junto, obra para violoncelo e grupo de câmara, nasce da idéia de esculpir imagens, camadas e gradações sonoras sobre o pentagrama. Pensando nisso, o diálogo solista-grupo foi assumido, não do ponto de vista *concertante* clássico, mas como um contínuo jogo afetivo, onde linhas, gestos e figuras que nascem com o solista são amplificados pelo grupo constantemente, resultando assim diferentes adensamentos do tecido polifônico ao longo da peça.

Samuel Peruzzolo-Vieira (Samuel Peruzzolo Vieira, Bagé/RS, 12/12/1982), mestre em música pela Texas A&M University Commerce, é professor de percussão no Conservatório de Música de Ourém e Fátima/Portugal. Bacharel pela Universidade Federal de Santa Maria, teve aulas de composição com Dimitri Cervo e Amaro Borges. Também fez estudos musicais na Áustria, nos EUA e em Portugal. No Rio Grande do Sul, integrou diversos grupos musicais, foi percussionista convidado de orquestras e *spalla* de naipe da Orquestra Filarmonica da PUC/RS. Apresentou obras suas na Argentina, Áustria, EUA, França, Portugal e em alguns dos principais pólos musicais brasileiros. Tem obras gravadas em dois CDs; trabalha em dois outros projetos, e um terceiro CD será lançado nos EUA.

A caixa de Pandora (2008) foi composta a partir do mito de Pandora, proposto por poetas gregos. A obra musical nasce de uma interpretação empírica e subjetiva da existência e da razão dos males que constituíram o conteúdo da caixa, como doença, loucura, velhice, trabalho e mentira. Em contraposição, a esperança é igualmente abordada neste texto musical, mantendo-se, porém, reclusa, como na lenda. A música, ao mesmo tempo em que apresenta motivos cíclicos, vive com disparidades antagônicas, sejam elas métricas, contextuais ou temporais. Como resultado tem-se, numa formação espelhada, os sons ritualísticos e híbridos da percussão a produzir uma sonoridade por vezes agressiva e dessincronizada, outras, simbiótica e matizada

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea Sala Funarte Sidney Miller

14 de outubro de 2011 – sexta-feira, 19h



Guilherme Bauer



Ivan Eiji Simurra



Januíbe Tejera



Marcílio Onofre



Mario Ficarelli



Osvaldo Lacerda



Ricardo Tacuchian

I

Guilherme Bauer *Quarteto de cordas n° 3* **
I – Dinâmico-Estático
II – Harmonicos
III – Planos

Ricardo Tacuchian *Quarteto n° 4 “Trópico de Capricórnio”* **
I – Moderato (Tristes trópicos)
II – Allegro moderato (Trópicos emergentes)

Quarteto Radamés Gnattali:
violinos Carla Rincon, Francisco Roa
viola Fernando Thebaldi, violoncelo Hugo Pilger

Januíbe Tejera *Breviário de fábulas – pequenas histórias ensurdecedoras* *
percussão Daniel Serale, piano preparado Leticia Lima

II

Osvaldo Lacerda *Saudades de Oruro (Valsa n° 6)*
Estudo n° 7
piano Eudóxia de Barros

Marcílio Onofre *Granum volubile* *
Grupo Cron:
violino Tais Soares, violoncelo Marcus Ribeiro, piano Tatiana Dumas

Ivan Eiji Simurra *Poldro, Pareto... “O jogo do contente”* *
Grupo Cron:
flauta Maycon Lack, clarineta baixo Thiago Tavares,
trompa Waleska Beltrami, trompete Matheus Moraes,
vibrafone e percussão Rafaela Calvet, viola Ivan Zandonade,
violoncelo Marcus Ribeiro, piano Tatiana Dumas,
regente Marcos Nogueira

Mario Ficarelli *hUr – 2003* **
oboé d’amore Francisco Gonçalves, trompa Josué Soares,
piano Ana Paula Alencar, violinos Fernando Pereira
e Marco Catto, viola Dhyan Toffolo, violoncelo Cláudia Grosso,
contrabaixo Larissa Coutrim,
percussão Daniel Serale, Janaina Sá e Pedro Moita

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010;
- ** encomendadas pela Funarte em 2010

As obras de Osvaldo Lacerda são apresentadas em homenagem ao compositor,
falecido em 2011

Guilherme Bauer (Guilherme Carneiro da Cunha Bauer, Rio de Janeiro/RJ, 01/07/1943), compositor e professor formado exclusivamente no Brasil, iniciou estudos de violino com Iolanda Peixoto, continuados com Oscar Borgerth na UFRJ. Estudou composição com Cláudio Santoro, análise musical com Esther Scliar, aperfeiçoando-se com Guerra-Peixe em harmonia, contraponto, fuga, composição e orquestração, constituindo com este último sólida e enriquecedora amizade. Seguiu, em seu período inicial, a estética do atonalismo, e adotou, depois, uma linguagem livre apoiada, muitas vezes, nas nossas tradições musicais populares. Recebeu oito prêmios em concursos de composição, com destaque para o Prêmio ESSO de Música, o Prêmio Latino-Americano da UFBA, o da Cultura Artística de São Paulo e o da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1998, pelo *Quarteto de Cordas n.º 2*, bem como a Bolsa Vitae de Artes 2005. Sua mais recente obra para orquestra, *Celebração sinfônica*, foi comissionada para as comemorações dos 70 anos da Orquestra Sinfônica Brasileira, em 2010. Desde 2006 é membro da Academia Brasileira de Música.

No *Quarteto de cordas n.º 3*, o primeiro movimento – *Dinâmico – Estático* – traz contrastes por momentos rítmicos tranquilos ou agitados, definidos pelas constantes mudanças de andamento e métrica. Em *Harmônicos*, estes efeitos são utilizados como recursos tímbricos inseridos em algumas passagens do quarteto. Os *Planos* do último movimento apresentam texturas que fazem uso de dois, três ou dos quatro instrumentos que se alternam nos registros grave, médio ou agudo. A obra é dedicada ao Quarteto Radamés Gnattali.

Ivan Eiji Simurra (Ivan Eiji Yamauchi Simurra, São Paulo/SP, 09/01/1984) concluiu o bacharelado em composição, sob orientação de Silvio Ferraz, na Unicamp, onde é mestrandando em processos criativos. Participou do 41º Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão e da IV Bienal de Música Brasileira Contemporânea de Mato Grosso, bem como de workshops e masterclasses em Córdoba e em Bariloche, Argentina. Desenvolve seus trabalhos e pesquisas composicionais suportados, principalmente, pela assistência da computação e tecnologia musical. Apesar de ter a sua produção essencialmente voltada para a música instrumental, tem interesse em música eletrônica e em música eletroacústica mista, e desenvolve trabalhos em manipulações sonoras de música eletrônica pop em tempo real.

O *Jogo do Contente* é a tentativa de uma apreciação quase integral de um evento, um fenômeno ou mesmo de apenas um objeto sonoro. Assim, a obra propõe o jogo de contrastes desse evento, ora explícito, ora implícito. Contudo, não há, de fato, contrastes nesse jogo. É quase como um movimento perpétuo diante de uma única sonoridade, alheio a tais “jogos”. Dessa forma, independentemente de tais jogos, a fusão imanescente dos instrumentos confecciona a resultante global da sua sonoridade. Deixe as máquinas trabalharem enquanto nós pensamos!!!

Januibe Tejera (Tejera de Miranda, Salvador/BA, 05/06/1979) estudou composição com Flávio Oliveira, análise com Ricardo Mitidieri e piano com Dirce Krijnik, formando-se em composição pela UFRGS com Antônio Carlos Borges Cunha e Celso Loureiro Chaves. Reside atualmente em Paris, onde concluiu uma formação com Gérard Person no Conservatório Superior de Música. Grande parte de seu trabalho é voltada para a música de câmara e apresentada em festivais no Brasil e no exterior (Festival Música Nova, Darmstadt, Royaumont e Festival City of London). Recebeu bolsas e prêmios da Fundação Nadia et Lili Boulanger, do Ensemble Modern, da Fondation de France. Para 2012, recebeu encomendas do Ensemble Linea, da Radio France (concerto para trompa) e do governo francês para o Ensemble Multilatérale, além de realizar trabalhos entre compositores e DJs. Obras suas podem ser ouvidas em discos da Petrobrás, Meyer Fondation e Blue Note.

Breviário de Fábulas é um ciclo de miniaturas para piano e percussão, que se apresenta com um ar de peças para crianças executadas por adultos. Estudo de sonoridades, formas simples e despretensiosas dão bases a uma exploração de algumas misturas entre os dois instrumentos. O imaginário infantil transparece nos títulos das miniaturas: *Rastro de faisca / Transparências / Labaredas / Pé sem par / Carretel desenrolado*. A ordem de execução das peças pode ser alterada livremente pelos intérpretes, como em um percurso livre.

Marcílio Onofre (Marcílio Fagner Onofre, João Pessoa/PB, 07/02/1982) é professor do Departamento de Música, vice-chefe do Departamento de Música e Coordenador do Laboratório de Composição Musical na Universidade Federal da Paraíba, onde é mestre em composição, sob a orientação de Eli-Eri Moura, e bacharel em piano. Recentemente recebeu os prêmios “2010 DuoSolo Emerging Composer Competition, Concurso Nacional de Composição Camargo Guarneri/ São Paulo e 6th SCCM New Composition/Shishuan/China. Parte de sua obra vem sendo gravada e interpretada por grupos instrumentais como: *Arditti String Quartet* (Inglaterra), *Nieuw Ensemble* (Holanda), *Nouvel Ensemble Moderne – NEM* (Canadá), Grupo Brassil (Paraíba), Grupo Sonantús (Paraíba), Camerata Arte Mulher (Paraíba) e Sonâncias (São Paulo).

Granum volubile (2010) teve como ponto de partida a idéia de gerar diferentes tipos de precipitação e instabilidade dos grãos representados na obra por objetos formados, basicamente, por trêmulos e *glissandi*. A obra foi composta como uma espécie de duo no qual o violino e o violoncelo foram concebidos com um único instrumento que contrapõe-se ao piano. Em larga escala, essa instabilidade

leva à transformação timbrística da peça e, como última consequência, ao desaparecimento dos objetos iniciais. A obra está dedicada ao *Artesan Trio*, grupo formado por professores da UFPB.

Mario Ficarelli (São Paulo/SP, 04/07/1935) obteve vários prêmios em concursos de composição no país e no exterior. Possui diversas obras editadas no Brasil, Europa e Estados Unidos, contando em seu catálogo mais de 120 obras para diversas formações, desde solo, duos, trios etc. até música sinfônica, coral e uma ópera. Dedicado também ao magistério, lecionou composição e outras disciplinas na Graduação e na Pós-Graduação desde 1981, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde é professor livre docente em composição, tendo sido eleito Chefe do Departamento de Música por três mandatos. É membro da Academia Brasileira de Música desde 1994, e da Sociedade Arrecadadora de Direitos Autorais (Suiça) desde 1992. Em 2006, revisou, ampliou e publicou um livro de Harmonia Funcional pela Ed. Annablume. No segundo semestre de 2011, será lançado, pela Editora Algor, o seu método de ensino musical “Musissimpos” para prática orquestral de iniciantes, contendo 81 peças originais e 66 orquestrações de músicas do repertório original para piano. Ainda nessa mesma data será lançado o livro *Contraponto baseado sobre o sistema dodecafônico*, de E. Krenek, pela Ed. Annablume, por ele traduzido e revisado.

HU – 2003: são vários os significados para HU e para UR em diversos idiomas. Todos são válidos. Escreve o compositor: “Somei a essas três letras o número 2003, que é uma data muito significativa para a humanidade. Juntando esses elementos (HU + UR + 2003) nomeei esta música envolvido pelo conteúdo intrínseco dos três códigos. De outra parte, a escolha do instrumental está em relação direta com eles.”

Osvaldo Lacerda (Osvaldo Costa de Lacerda, São Paulo/ SP, 23/03/1927, falecido a 18/07/2011) estudou piano com José Kliass. De 1952 a 1962, estudou composição com Mozart Camargo Guarneri, que formou sua personalidade de compositor. Em 1963, foi o primeiro compositor brasileiro a receber bolsa da Guggenheim Foundation, quando estudou com Aaron Copland. Mais tarde, estudou orquestração com Roberto Schnorrenberg. Fez várias outras viagens aos EUA, para apresentar obras e participar de eventos musicais. Tem obras editadas no Brasil e no exterior, e recebeu vários dos mais importantes prêmios brasileiros de composição. Foi ampla sua atuação na divulgação da música brasileira, criando e participando de associações, além de dedicar-se ao ensino de música e a publicar livros sobre questões de técnica musical. Foi membro da Academia Brasileira de Música.

Saudades de Oruro (Valsa n.º 6), composta em outubro de 2010, é a última obra do compositor, que dizia ser essa a sua única peça semipopular. A segunda parte – procurando não imitar, mas sugerir uma melodia pentafônica do folclore boliviano –, é tocada por uma flauta na mão direita, com um discreto acompanhamento de um pequeno tambor na esquerda. Essa valsa foi criada a pedido de um médico amigo e admirador do compositor, a quem pediu que lhe dedicasse um ponto. Como o ciclo com esse título estava completo, a solução foi compor a valsa com o nome da cidade natal do amigo.

O *Estudo n.º 7* é uma peça diáfana, apresentando a dificuldade dos trêmulos ininterruptos em ambas as mãos, exigindo grande soltura de pulso. Tem melodia baseada no modo dórico, da maneira como este aparece na música brasileira, e era o predileto do compositor.

Ricardo Tacuchian (Rio de Janeiro/RJ, 18/11/1939), compositor e regente, estudou com destacados mestres na Escola de Música da UFRJ, como José Siqueira e Francisco Mignone. Nessa universidade, graduou-se em piano, composição e regência, e fez pós-graduação em regência, composição e orquestração. Aperfeiçoou-se em regência com Hans Swarowsky e em composição com Cláudio Santoro. Foi bolsista da University of Southern California/EUA, onde fez doutorado em composição. No Brasil, fundou vários conjuntos musicais e atuou como regente orquestral e coral. Dedicou-se ao magistério, tendo sido professor na UniRio e na EM/UFRJ, além de lecionar educação musical na Secretaria de Educação e Cultura/RJ e apreciação musical no Conservatório Brasileiro de Música. Recebeu a Medalha do Mérito Carlos Gomes, em Brasília, em 1996. Tem obras executadas e gravadas no Brasil, EUA e em países da Europa; seu *Concerto para violão e orquestra* acaba de ser lançado em CD por Turibio Santos e estreado na Espanha. Eleito para a Academia Brasileira de Música, ocupou a sua presidência por três mandatos.

Trópico de Capricórnio é um círculo imaginário de latitude mais ao sul do globo terrestre, no qual o sol aparece verticalmente ao meio dia, uma vez por ano. Esse círculo cruza três oceanos, três continentes e dez países (Brasil, Paraguai, Argentina, Chile, Austrália, Madagascar, Moçambique, África do Sul, Botswana e Namíbia), alguns dos quais, tradicionalmente marginalizados, estão assumindo um novo papel no mundo globalizado do século XXI. Nessa obra, o compositor optou por uma linguagem musical mais eclética, evitando certo maneirismo folclórico que o título poderia sugerir. Ela apresenta dois movimentos, com grande economia de material temático: *Tristes Trópicos*, mais calmo e introspectivo, e *Trópicos emergentes*, mais movido.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Salão Leopoldo Miguez

– Escola de Música da UFRJ

15 outubro de 2011 – sábado, 19h



Carlos dos Santos



Henrique Vieira



Manuel Falleiros



Marcus Siqueira



Nayla Barros



Nikolai Brucher



Roberto Votta

I

Henrique Vieira *Divertimento* *
I – *Cenas nordestinas*
II – *Romance*

Marcus Siqueira *Signo sopra* *

Carlos dos Santos *Nordestina n° 1* *
violino solo Ana de Oliveira

II

Manuel Falleiros *O Uiraçu* *
flauta solo Andréa Ernest Dias

Roberto Votta *Active mirrors* *
violoncelo solo Peter Schuback

Nayla Barros *Suíte em três movimentos* *

Nikolai Brucher *Mistral* *
I – *Mistral*
II – *Terreno árido*
III – *Tributo a Baco*
saxofone solo Pedro Bittencourt

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010;
- ** encomendada pela Funarte em 2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Reitor: Carlos Antonio Levi da Conceição
Vice-Reitor: Antonio Ledo Alves da Cunha

Centro de Letras e Artes
Decana: Flora de Paoli

Escola de Música
Diretor: André Cardoso
Vice-Diretor: Marcos Nogueira

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
flauta Milher Moraes, *oboé* Thyago Neves, *clarineta* Tiago Teixeira, *fagote* Paulo de Andrade,
trompa Alessandro Jeremias, *trompete* Nison Coelho, *trombone* Vitor Carpinteiro,
tuba Thiago Osório Silva, *percussão* Flora Milito
violinos I Felipe Prazeres (*spalla*), Marco Catto, Flavia de Castro, Ayslany Souza Ramos,
Inah Kurrels Pena, Nataly Souza Lopes, Angélica Alves, Pedro Ramiro,
Denise Pedrassoli, Gabriela Guedes;
violinos II Adohiran Reis, Luiz Henrique Lima, Mauro Rufino, Andréia Carizzi, Sonia Katz,
Marcos Rodrigues, Ricardo Coimbra, Her Agapito, Clara Lúcia dos Santos, André Bukovitz;
violões Ivan Zandonade, Cecília Mendes, Rubia Siqueira, Thaís Mendes,
Francisco Pestana, Kelly Davis;
violoncelos Ricardo Santoro, Mateus Ceccato, Gretel Paganini, João Bustamante,
Paulo Santoro, Eleonora Fortunato;
contrabaixos Saulo Bezerra Silva, Voila Marques, Larissa Coutrim
regente Ernani Aguiar

Carlos dos Santos (Carlos Roberto Ferreira dos Santos), compositor e percussionista, cursa o bacharelado na USP. Obras suas foram executadas por conjuntos como a Orquestra Jovem de São Paulo, o Duo VibraPiano, o Grupo de Percussão do Instituto de Artes de São Paulo (PIAP). Obteve o 17º Prêmio Nascente, Concurso Jovens Solistas da Orquestra de Câmara da USP, 4º lugar no Concurso de Composição para Piano Villa-Lobos, menção honrosa no Concurso do Quarteto Ligneia.

Nordestina n° 1 procura homenagear um pouco da cultura nordestina presente em São Paulo, com suas peculiaridades e encantos.

Henrique Vieira (Henrique Douglas Vieira do Carmo, Rio de Janeiro/RJ, 1/01/1977) é bacharel em música e especialista em *performance* musical pela Universidade Federal de Goiás. Estudou violino com Saulo Lopes e Alessandro Borgomanero, no Brasil, com Rodolfo Bonucci, na Itália, e Júlia Reppa na Áustria. Fez parte de grupos camerísticos, nos EUA. Teve aulas de composição com Estêrcio Marques Cunha e foi um dos finalistas no Concurso Nacional de Composição Michael Debost/2005. Estudou regência com Emílio de César e teve *masterclasses* com Roberto Duarte, Gottfried Engels (Alemanha), Nelson Niremberg e Kurt Mazur, em curso realizado pela (OSESF). Foi regente assistente da Orquestra de Câmara Goyazes e da Orquestra Sinfônica de Goiânia, acumulando o cargo de *spalla*, e venceu o I Concurso Nacional Eleazar de Carvalho para Jovens Regentes/2002, realizado pela Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Após vencer concurso nacional em Londrina, foi regente da Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina, de 2004 a 2008. Em 2008, conquistou o primeiro lugar no 1º Concurso Internacional de Regência Orquestral da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, concorrendo com cerca de 60 candidatos do Brasil e do exterior.

O Divertimento para orquestra de cordas foi escrito para uma formação camerística que explora potencialidades da seção das cordas e a linguagem tradicional. O tema de abertura do primeiro movimento é introduzido e reapresentado de diversas formas, mantendo a característica modal, mas com texturas diferenciadas em alguns momentos. Segue o *poco più mosso* intercalado pela seção em estilo fugato. A retomada ao primeiro tema encerra o movimento de maneira grandiosa. O segundo movimento, Romance, traz uma atmosfera melancólica, com lembranças de temas remanescentes.

Manuel Falleiros (Santo André/SP, 1979) estudou no Conservatório Santa Cecília, de sua cidade natal, é bacharel e mestre em música pela Unicamp e doutorando em processos criativos pela USP. Estudou primeiramente saxofone e flauta, tocando com músicos relevantes do cenário da música popular brasileira e do jazz. Estudou instrumento com Dale Underwood e Dave Liebman. Iniciou-se na composição como auto-didata, através de livros e de pesquisas, e quando cursou o bacharelado na Unicamp frequentou aulas de composição na classe de Denise Garcia. Atualmente desenvolve tese de doutorado na USP sobre a livre improvisação e sua relação com a ação criativa.

O Uirapu baseia-se no canto dessa ave, um dos maiores falconídeos do Brasil, que corre risco de entrar em breve em extinção. O contraste entre a imponente força física da ave e a fragilidade da sua existência no ecossistema é a tônica da peça. Seu desenvolvimento dá-se pelo estabelecimento de paralelos entre o imaginário gestual e sonoro da ave e as idiosincrasias da flauta, instrumento escolhido pela sua relação contrastante entre a fragilidade sonora do sopro aerado e a potência sonora marcante da região aguda. A obra é dividida em três movimentos: I – *Chamado*, que imitiza o canto da ave e suas reverberações sonoro-musicais; II – *Fartalhar*, que evoca a imagem sonora contida nas plumagens e o ar que as atravessa; e III – *Pouso*, que converge todo o esforço na precisão pela caça e pela estabilidade, apresentando-se pela relação entre estímulo-corpo numa realimentação contínua para sua ação precisa.

Marcus Siqueira (Marcus Barroso de Siqueira, Caratinga/MG, 1974) estudou composição com Willy Corrêa de Oliveira na ECA/USP e particularmente, entre 1993 e 2002. Foi premiado em importantes concursos de composição no Brasil, e recebeu três das mais significativas bolsas de criação musical no país: da

RioArte (2001), da Fundação Vitae (2003) e da Funarte (2008). Também recebeu importantes prêmios em trilhas para teatro e cinema. No Brasil, as orquestras OSESF, OFMG, OSUSP e ORTC, sob regência de Joana Carneiro (Portugal), Lútero Rodrigues, Marcos Arakaki, Carlos Moreno e Lútero Rodrigues estrearam algumas de suas peças. Suas composições têm sido tocadas e gravadas por intérpretes brasileiros e estrangeiros, em recitais e festivais na América do Sul, Europa e EUA, como Arditti String Quartet, Eafit Ensemble (Cláudio Suzin), Percorso Ensemble (Ricardo Bologna), Trio Brasileiro, Trio Aroe, Simona Cavuoto, Fabio Luz, Gilson Antunes, Paulo Passos e Gabriel Schirato. Em janeiro de 2010, ministrou *master classes* sobre rítmica nos conservatórios de Bologna e Pesaro na Itália. Participa regularmente como compositor nas Bienais de Música Contemporânea Brasileira (RJ e MG) e no Festival Música Nova (SP).

Signo sopra nasceu a partir da leitura do texto de Alfredo Bosi, extraído de seu livro "O Ser e o Tempo da Poesia".

"O Signo é um segmento de matéria que foi assumido pelo homem para dar ato de presença a qualquer objeto ou momento da existência. (...) O som do signo guarda, na sua aérea e ondulante matéria, o calor e o sabor de uma viagem noturna pelos corredores do corpo. (...) O signo é a forma da expressão de que o som do corpo foi potência, estado virtual."

Nayla Barros (Salvador/BA, 07/04/1962) é formada em filosofia e música.

A Suíte em três movimentos representa o espírito de três das maiores metrópoles da civilização Maya: Tikal, Palenque, e Copán.

Nikolai Brucher (Nikolai Almeida Brucher, Rio de Janeiro/RJ, 13/01/1979) graduou-se em composição pela Unirio, onde depois fez mestrado em composição com dissertação sobre a música sinfônica contemporânea no Brasil. Como compositor, participa regularmente das Bienais de Música Contemporânea Brasileira desde 2003, e suas obras, têm sido apresentadas no Brasil, na Alemanha e na Argentina. Foi premiado em diversos concursos de composição, entre eles, o Concurso Cláudio Santoro, em 2005, e o Concurso Camargo Guarnieri, em 2007. Entre 2008 e 2009, realizou estudos de pós-graduação em composição na Escola Superior de Música de Munique, na Alemanha, onde reside desde então.

A obra **Mistral** foi concluída em janeiro de 2010, seguindo uma sugestão do saxofonista Marcio Schuster. A composição, em três movimentos interligados, procura reproduzir subjetivamente determinadas impressões experimentadas pelo compositor durante uma viagem pelo sul da França, no verão de 2009.

Roberto Votta (São José do Rio Preto/SP, 22/09/1979) iniciou sua formação musical estudando violão erudito. Aos 20 anos mudou-se para São Paulo, onde passou a estudar composição. É bacharel em composição e regência pela Faculdade Santa Marcelina de São Paulo, onde estudou com Silvío Ferraz, Paulo Zuben e Sérgio Kaféjian. Participou de seminários com o compositor inglês Mark-Anthony Turnage e com Hans-Joachim Koellreutter. Em 2007, regeu a estreia de sua obra *La souffrance*, para violino, viola, violoncelo e piano, no palco do Sesc Vila Mariana. Como pesquisador, apresentou comunicações e publicou artigos em importantes congressos sobre música, entre eles, o XX Congresso ANPPOM, em Florianópolis/2010, onde publicou o artigo sobre a obra *In Memoriam Dylan Thomas*, de Igor Stravinsky. Atualmente cursa o mestrado na Escola de Comunicação e Artes da USP, sob orientação do Prof. Dr. Paulo de Tarso Salles, tendo como foco principal de pesquisa as obras de Stravinsky após a década de 1950, em especial o balé *Agon*.

Active Mirrors foi composta em 2007. A ideia da obra surgiu após uma visita à sala de espelhos de um circo itinerante no interior paulista, em cuja entrada um violoncelista tocava passagens livres. A obra possui materiais harmônicos e melódicos concebidos a partir de diferentes séries de notas; as disposições intervalares são organizadas simetricamente em estruturas espelhadas. Ao logo de toda a peça, diferentes parâmetros são submetidos ao espelhamento, inclusive sua estrutura formal. São utilizados diferentes recursos instrumentais, proporcionando uma escuta direcionada ao som e às possibilidades de execução dos instrumentos.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

16 de outubro de 2011 – domingo, 16h



Acácio Piedade



Alexandre Fracalanza



Calimério Soares



Ernst Mahle



Felipe Pagliato



Igor Maia



Ivan Paparguerius



Raul do Valle



Ronaldo Miranda

I

- Igor Maia *Trio de cordas* *
violino Vinicius Amaral, *viola* Daniel Prazeres,
violoncelo Paulo Santoro
- Alexandre Fracalanza *Thiasos* *
clarineta Thiago Tavares
 Quarteto Continental:
violinos Vinicius Amaral, Tomaz Soares
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Acácio Piedade *Paraboles* *
I – La lumière de l'obscur
II – Les ondes du temps
violins Ivan Zandonade, Bernardo Fantini, Daniel Prazeres
violoncelos Ricardo Santoro, Paulo Santoro, Daniel Silva
- Gilson Beck *No leito do Aqueronte* *
 Quarteto Continental:
violinos Vinicius Amaral, Tomaz Soares
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Ronaldo Miranda *MóBILE* **
 Quarteto Sax Contemporâneo:
sax soprano Paulo Passos, *sax alto* Carlos Soares,
sax tenor Luís Medina, *sax barítono* Pedro Bittencourt

II

- Ivan Paparguerius *Estudo líquido* *
I – Entrada
II – Evocação
III – Dança
violão Paulo Pedrassoli
- Calimério Soares *Toada*
violoncelo Mateus Ceccato, piano Katia Baloussier
- Ernst Mahle *Quinteto* **
I – Allegro, Vivo
II – Adagio molto
III – Vivo
piano Lucia Barrenechea
 Quarteto Continental:
violinos Tomaz Soares, Vinicius Amaral
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Felipe Pagliato *Stargazer* *
viola solo Daniel Guedes
- Raul do Valle *Metalescencia* **
 Art Metal Quinteto:
trompa Antonio Augusto,
trompete Wellington Gonçalves de Moura e David Alves,
trombone Marco della Favera, *tuba* Eliezer Rodrigues da Silva

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010
 ** encomendadas pela Funarte em 2010

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

16 de outubro de 2011 – domingo, 16h



Acácio Piedade



Alexandre Fracalanza



Calimério Soares



Ernst Mahle



Felipe Pagliato



Gilson Beck



Igor Maia



Ivan Paparquerius



Raul do Valle



Ronaldo Miranda

I

- Igor Maia** *Trio de cordas* *
violino Vinicius Amaral, *viola* Daniel Prazeres,
violoncelo Paulo Santoro
- Alexandre Fracalanza** *Thiasos* *
clarineta Thiago Tavares
 Quarteto Continental:
violinos Vinicius Amaral, Tomaz Soares
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Acácio Piedade** *Paraboles* *
I – La lumière de l'obscur
II – Les ondes du temps
violins Ivan Zandonade, Bernardo Fantini, Daniel Prazeres
violoncelos Ricardo Santoro, Paulo Santoro, Daniel Silva
- Gilson Beck** *No leito do Aqueronte* *
 Quarteto Continental:
violinos Vinicius Amaral, Tomaz Soares
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Ronaldo Miranda** *MóBILE* **
 Quarteto Sax Contemporâneo:
sax soprano Paulo Passos, *sax alto* Carlos Soares,
sax tenor Luís Medina, *sax barítono* Pedro Bittencourt

II

- Ivan Paparquerius** *Estudo líquido* *
I – Entrada
II – Evocação
III – Dança
violão Paulo Pedrassoli
- Calimério Soares** *Toada*
violoncelo Mateus Ceccato, piano Katia Baloussier
- Ernst Mahle** *Quinteto* **
I – Allegro, Vivo
II – Adagio molto
III – Vivo
piano Lucia Barrenechea
 Quarteto Continental:
violinos Tomaz Soares, Vinicius Amaral
viola Daniel Prazeres, *violoncelo* Paulo Santoro
- Felipe Pagliato** *Stargazer* *
viola solo Daniel Guedes
- Raul do Valle** *Metalescencia* **
 Art Metal Quinteto:
trompa Antonio Augusto,
trompete Wellington Gonçalves de Moura e David Alves,
trombone Marco della Favera, *tuba* Eliezer Rodrigues da Silva

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010
- ** encomendadas pela Funarte em 2010

Acácio Piedade (Acácio Tadeu de Camargo Piedade, Itapava/SP, 07/10/1961) é bacharel em composição pela Unicamp, onde estudou com Almeida Prado. Atua como compositor, professor universitário e pesquisador (UDESC). No momento, faz pós-doutorado em Música e Musicologia na Universidade de Paris IV (Sorbonne) e cursos de composição e informática no IRCAM. Dentre suas composições mais recentes destacam-se: *Bruxólicas*, ciclo de peças para piano, no CD *Tempo Recompsto* (2009); *Desertos*, para meio-soprano, dois violões e violoncelo, estreada no Festival de Música Contemporânea Aliança Francesa de Florianópolis, em 2009; *Abertura Soviet*, para piano a quatro mãos, estreada no Brasil, em 2010, e executada em Portugal e na França, em 2011.

Paraboles, concluída em 2009, é dividida em dois movimentos. No primeiro, *La lumière de l'obscur*, o material básico é o acorde meio diminuto, entendido como referência estética para o período de dissolução da tonalidade, principalmente Viena pré-dodecafônica. O que se quer revelar é a profundidade do sentimento humano na noite transfigurada do tonalismo. No segundo, *Les ondes du temps*, o elemento principal é um movimento de quintas justas em cordas duplas, produzindo duas ondulações em imitação. As ondas do tempo varrem todo o movimento, e no final, após um eco distante da *La lumière de l'obscur*, as ondas se unificam nos últimos segundos as *Paraboles* contam assim uma história de dissolução e recomposição, da profundidade do sentimento humano e do poder avassalador e reconstituído do tempo.

Alexandre Fracalanza Travassos (Rio de Janeiro/RJ, 11/02/1970), clarinetista radicado em São Paulo/SP, iniciou estudos musicais na Escola Municipal de Música, em São Paulo, onde estudou clarineta com Rafael Caro. Em 1988, ingressou no bacharelado em instrumento da Escola de Comunicações e Artes da USP, orientado pelo prof. Leonardo Righi, e onde também se dedicou à composição, formando-se em 1993. Na Universidade Livre de Música, aperfeiçoou-se com Sérgio Burgani e Otinilo Pacheco. É monitor instrumentista da Orquestra Experimental de Repertório e foi instrumentista e transcritor na Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, tendo se especializado em repertório para conjuntos como este. Como compositor, recebeu o 3º Prêmio Guerra-Peixe de composição para orquestra, o Concurso de Composição para Banda Sinfônica da Penfield Music Commission Project (Penfield/NV/EUA) e o 1º concurso de Composição da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo.

Thiasos, para clarinete e quarteto de cordas, foi livremente inspirada nas precossões dionisíacas da mitologia grega, retratando o inebriado séquito de ninfas, sátiros, silenas e menades. Em forma ternária, a obra abre e encerra com uma dança vertiginosa em compasso 5/8 de caráter modal, referente à sua fonte de inspiração, seguida de uma seção lenta intermediária que retrata a sensualidade dos bacantes em seus jogos de amor. A célula inicial formada pela segunda maior permeia toda a obra, dando-lhe unidade.

Ernst Mahle (Stuttgart/Alemanha, 03/01/1929) estudou composição com J. N. David, H. J. Koellreutter, D. Messiaen, ainda com W. Fortner e E. Krenek em cursos internacionais de férias; estudou também regência com L. von Maticic, R. Kubelik e Mueller-Kray. No Brasil desde 1951, é um dos fundadores da Escola de Música de Piracicaba, em 1953, onde foi, durante 50 anos, diretor artístico, professor e maestro dos seus vários conjuntos. Naturalizado brasileiro em 1962, recebeu o título de "Cidadão Piracicabano" em 1965. Idealizou e presidiu os Concursos Jovens Instrumentistas Brasil - Piracicaba, de 1971 a 2003. Foi professor em vários cursos de férias e festivais de música, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea e é membro da Academia Brasileira de Música. Oentre os prêmios recebidos, destacam-se os da Associação Paulista de Críticos de Arte/1995 e o Prêmio Martius Staden/2006, conferido a profissionais que mais contribuem para o intercâmbio cultural Brasil-Alemanha. Compositor prolífico, tem três óperas em seu catálogo de obras.

Nesse **Quinteto**, o primeiro movimento tem uma rápida introdução, com predomínio de sétimas, após a qual surge um tema em metros variáveis, seguido de outro, calmo, em compasso quaternário, um pouco sincopado. Na re-exposição, esses dois temas são modificados. O segundo movimento é caracterizado por quintas, quartas e tritonas. Um solo de piano conduz a um *Allegretto* nas cordas, no qual o piano logo participa, com posterior reprise do *Adagio* e do *Allegretto*, trazendo algumas mudanças. O caráter brasileiro predomina no terceiro movimento, em forma de sonata, com dois temas, um pequeno desenvolvimento, re-exposição e coda.

Felipe Pagliato (Felipe Marques Pagliato, Cotia/SP, 06/06/1986) iniciou estudos musicais aos 10 anos de idade, tocando bateria sob a tutela de Marcelo Effori, abordando, depois, outros instrumentos de percussão, embora a música erudita estivesse sempre presente desde sua infância. Aos 17 anos, conheceu o compositor Marcus Siqueira, que lhe apresentou um universo não apenas musical, onde tudo estava entrelaçado: a sociedade, a história e as artes. Sob a supervisão desse compositor, começou a escrever seus primeiros estudos e a aprofundar-se musicalmente, enquanto tentava compreender a dicotomia da relação entre o fazer artístico e a caótica vida na sociedade. Há alguns anos dedica-se ao ensino de música, à composição de peças de câmara e ao estudo da percussão com um foco maior no jazz, tendo tocado com o Algaravia Trio e outras bandas. Atualmente cursa Educação Artística na FASM.

Stargazer foi composta como um devaneio em torno da peça *Coelocanth*, de Giacinto Scelsi, embora musicalmente quase não tenham relação. *Coelocanth* é um peixe abissal, assim como o "Stargazer" que, traduzido literalmente, significa "observador de estrelas", uma alusão lírica a Scelsi, que vivia sob preceitos muito particulares, considerando sua própria música uma forma de expressão de um universo espiritual e transcendental.

Gilson Beck (Gilson Jappe Beck, Cruz Alta/RS, 13/12/1982) estudou composição na Unicamp com Almeida Prado, além de piano, percussão, cinema e filosofia. Foi para Portugal, em 2008, para o mestrado em composição musical na Universidade de Évora e para estudar psicanálise. Sua dissertação de mestrado trata de

desenvolver construções formais a partir do modelo topológico do Nó Borromeano e da série de Lucas. Está associado ao Lab Macambira, em São Carlos/SP, e é colaborador fixo e coordenador da parte virtual do *blog* "Caneta, Lente e Pincel" (www.canetalentepincel.blogspot.com).

No leito de Aqueronte foi escrita como ilustração dos afetos relacionados à travessia do rio mitológico Aqueronte, no qual o barqueiro Caronte transporta as almas em direção ao inferno. Dividida em quatro partes, o momento inicial é de agitação, tormento e infortúnio da sina que tocou a cada um. O segundo momento é estático, com notas longas, representando a navegação e o deslizar sobre o rio, a travessia contemplativa mas não calma. A angústia da chegada é representada pelos sons grotescos vindos do inferno, com os instrumentos fazendo ruídos e glissandos de gemidos. Por fim, os tormentos do inferno com o retorno da seção inicial, com sua agitação de quem passará o resto da eternidade na outra margem do Aqueronte.

Igor Maia (Igor Leão Maia, Campinas/SP, 06/08/1988) graduou-se em 2010 em composição musical pelo Real Conservatório de Haia, Holanda, onde foi aluno dos compositores Gillius van Bergeijk, Cornelis de Bondt, Martijn Padding e Diderik Wagenaar. Em 2010, participou de festivais e masterclasses com os compositores Jukka Tiensuu e Jouni Kaipainen, no festival Summer Sounds, Finlândia, em 2009, e com os compositores Brian Ferneyhough, Francesco Filidei e Liza Lim na Fondation Royaumont, França, em 2010, ano em que foi agraciado nos EUA com o Prêmio BMI Student Composer por sua obra *Transfigurações* para orquestra sinfônica. Em 2011, foi selecionado para participar no workshop de composição do Festival Internacional de Música de Takefu/Japão, no quadro de intercâmbio entre esse evento e a Fondation Royaumont. Ainda em 2011 terá obras executadas pelo Ensemble Linea no Festival de Música, em Estrasburgo, França, *Festival Prismas*, e pelo *Cuarteto Amil* em Buenos Aires, Argentina. D Ensemble Reconsil, da Áustria, encomendou-lhe uma composição para a temporada 2012-2013. Atualmente, é compositor/pesquisador independente no Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora (NICS) da Unicamp.

O **Trio de cordas** foi escrito tomando como referência estudos em técnicas estendidas e texturas. A microtonalidade, diferentes pressões e posições do arco e trinado com harmônicos são algumas das técnicas utilizadas. A obra expõe de maneira homogênea as técnicas e busca uma unidade através das constantes figurações polirrítmicas, como também pelo uso de densas harmonias.

Ivan Paparguerius (Ivan Mendes de Souza Paparguerius, Rio de Janeiro/RJ, 14/06/1981) é bacharel e mestre em música pela UFRJ. Teve obras difundidas em espetáculos teatrais, em eventos da série "Panorama da Música Brasileira Atual" e na rádio MEC FM. Atua como violonista no circuito da música erudita carioca. A obra **Estudo líquido** é dividida em três partes: I - *Entrada*; II - *Evocação*; III - *Dança*. O título é uma referência às idéias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que define a condição atual da sociedade como "tempos líquidos", onde a vida é baseada no consumo e no descarte. Novos hábitos surgem e são superados tão rapidamente que não têm a oportunidade de se consolidar. Tal panorama suscita a desvalorização das aspirações por imortalidade e uma tendência à heterogeneidade. A obra, como ilustrativa dessa tendência, não propõe novidades e acolhe distintas correntes estéticas, deglutindo o que lhe interessa do passado ao mesmo tempo em que apresenta conceitos consagrados pelas vanguardas do século XX. Por expor a condição de constante descarte e recomeço, *Estudo líquido* eventualmente pode vir a ser recebida como uma representação de uma situação social aguda, sensivelmente denunciada por Bauman, e assim terminar escapando da efemeridade, adquirindo qualidade de permanência, imortalidade. A obra vive a contradição da construção da cultura na vida líquida, passos à frente e para trás.

Raul do Valle (Leme/SP, 27/03/1936) estudou com Camargo Guarnieri. Sua produção inclui obras sinfônicas, de câmara, eletroacústicas e músicas para filmes, vídeos, teatro, dança e espetáculos multimídia. É doutor em artes pela Unicamp e aposentou-se como professor titular do Departamento de Música dessa Universidade. É Membro Efetivo da Academia Brasileira de Música, onde ocupa a cadeira nº 33.

Ronaldo Miranda (Ronaldo Coutinho de Miranda, Rio de Janeiro/RJ, 26/04/1948) estudou composição com Henrique Morelenbaum e piano com Dulce de Saules na Escola de Música/UFRJ. Em 1977, recebeu o primeiro prêmio em música de câmara, no Concurso de Composição para o II Bial de Música Brasileira Contemporânea, e foi laureado no Concurso Internacional de Composição de Budapeste (1986). Participou de festivais internacionais, como o World Music Days (Aarhus/1983 e Budapeste/1986), o X Bial de Música de Berlim (1985), o Aspekte Festival (Salzburgo/1992); as séries Musiques Del Nostre Temps (Palma de Mallorca/1992), Sonidos de las Américas/Brasil (Nova Iorque/1996) e Klang der Welt, na Deutsche Oper Berlin (2008); a Semana de Música Brasileira (Karlsruhe/2000). Em 2003, participou do projeto *Amazônia Deslendada* (Berlim/Bayreuth), e foi compositor residente na Brahmshaus de Baden-Baden. Estreou, em 2004, o *Concerto para 4 Violões e Orquestra* com a Baltimore Symphony, e em 2010, o *Concerto para Violino e Orquestra*, com a DSESP. Recebeu o Troféu Golphino de Ouro (1981), a Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês (1984), o Prêmio APCA (1982 e 2006) e o Troféu Carlos Gomes (2001). Grande parte da sua produção está registrada em CDs dos selos Naxos, Delos, Granary, Loreit, EMI, NCA, Kuarup, Dynamic, EGTA, Biscoito Fino e RioArte Digital. Foi crítico de música do *Jornal do Brasil*, é professor de composição do Departamento de Música da ECA/USP e membro da Academia Brasileira de Música.

Mobile foi motivada, em sua instrumentação, pelo quarteto Saxofonia, de São Paulo. É uma peça totalmente livre, em sua linguagem harmônica, textura e estrutura formal. As diversas seções sucedem-se, interligadamente, em um único movimento. Um motivo recorrente, quase um *ostinato*, de perfil rítmico, percorre toda a peça

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea Sala Funarte Sidney Miller

16 de outubro de 2011 – domingo, 19h



Alexandre Ficagna



Bruno Ângelo



Edino Krieger



Fábila Ricci



Fernando Kozu



José Rafael Valle



Luis Felipe Damiani



Nestor de H. Cavalcanti



Pablo Panaro

I

Pablo Panaro *Mar de sargaço **
I – Chove, há silêncio
II – Tudo o que faço ou medito
III – Entre o sono e o sonho

Grupo GNU:

soprano Diana Maron, violino Ayran Nicodemo,
violoncelo Murilo Alves, flauta Maria Carolina Cavalcanti,
clarineta Thiago Tavares, violão Gabriel Lucena,
piano Antônio Ziviani
regente Marcos Lucas

Bruno Ângelo *Coleção de peças de caráter **
flauta Sofia Ceccato, clarineta Marcos Passos,
piano Luciano Magalhães, violino Marco Catto,
violoncelo Mateus Ceccato
regente Sammy Fuks

Luis Felipe Damiani *O sabiá – suíte para violino **
violino solo Byron Hitchcock

Edino Krieger *Trio tocata ***
violino Ricardo Amado, violoncelo Ricardo Santoro,
piano Flávio Augusto

II

Alexandre Ficagna *Vento na janela **
clarineta Batista Jr., fagote Márcio Zen,
violoncelo Mateus Ceccato

Fábila Ricci *Viola solo **
viola solo Daniel Prazeres

Fernando Kozu *Aí, mas onde, como **

José Rafael Valle *I A b i R i n T o **

Nestor de Hollanda Cavalcanti *Suíte quase clássica (nº 1 da série "Cartas a meu pai") ***

I – Quase prelúdio
II – Quase loure
III – Quase corrente
IV – Quase sarabanda
V – Quase frevo

Quinteto Villa-Lobos:

flauta Antônio Carlos Carrasqueira, oboé Luis Carlos Justi,
clarineta Paulo Sérgio Santos, fagote Aloysio Fagerlande, trompa Philip Doyle

coordenação de sopros Aloysio Fagerlande

Obras em estréia mundial:

- * premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010
- ** encomendadas pela Funarte em 2010

Alexandre Ficagna (Alexandre Remuzzi Ficagna, Realeza/PR, 17/09/1983), licenciado em música pela Universidade Estadual de Londrina, iniciou estudos de composição em 2002, com Fábio Furlanete. Em 2008, concluiu mestrado em processos criativos na Unicamp, sob orientação de Denise Garcia. Desde 2009, cursa o doutorado em processos criativos sob orientação de Sílvio Ferraz. Trabalhou como professor temporário no curso de música da Universidade Federal de São Carlos/SP.

Vento na janela: sons lisos, sons rugosos; sons que se juntam em novos sons e que se decompõem noutros; passagens contínuas, mudanças bruscas. A obra almeja uma escuta semelhante àquela que temos num dia frio, quando as janelas estão fechadas, mas podemos sentir o vento, não na face, nem no corpo, mas lá fora, ao ouvi-lo movendo os objetos, ora balançando nossa janela com rajadas bruscas, ora suave, assobiando por entre as frestas.

Bruno Angelo (Bruno Milheira Angelo, Pelotas/RS, 16/07/1985) atua como compositor, pianista e pesquisador acadêmico na área de composição musical. Como mestrando no Programa de Pós Graduação em Música da UFRGS, realiza pesquisa sobre narratividade em música, tendo por foco a análise de suas próprias composições. Suas peças têm sido tocadas principalmente no Rio Grande do Sul e esporadicamente em outros estados, quando neles irrompem questões relacionadas à liberdade formal, ausência de reiterações e indefinição de materiais composicionais. A coerência musical, neste caso, está sempre no limiar de sua existência, às vezes sustentada efemeramente por associações poéticas com a literatura ou com um conceito abrangente de narratividade.

Coleção de peças de caráter é um conjunto de cinco peças curtas, cada uma delas intitulada com uma palavra que sugere alguma característica exclusiva, às vezes, relacionada com o seu comportamento, outras, à sua sonoridade ou à sua forma. Sendo assim, *Opaca*, *Efêmera*, *Incisiva*, *Delirante* e *Esparsa* são impressões que vieram ao pensamento do compositor durante o processo composicional, propostas ao ouvinte como universo semântico para a sua recomposição da música através da audição.

Edino Krieger (Brusque/SC, 17/03/1928) foi iniciado à música por seu pai Aldo, fundador do Conservatório de Brusque. Depois de apresentações em recitais de violino, obteve bolsa para o Conservatório Brasileiro de Música, onde ingressou em 1943, estudando com H.J. Koellreutter. Em 1948, venceu concurso que lhe possibilitou estudar com Aaron Copland, nos EUA, obtendo, depois, bolsa para estudos na Julliard School of Music. Voltando ao Brasil, iniciou notável trabalho de divulgação da música brasileira, através da Rádio MEC, inclusive mediante a criação da Orquestra Sinfônica Nacional. Organizou, em 1969 e 1970, os Festivais de Música da Guanabara, estopim para a revelação de compositores que ocupariam lugar de destaque na vida musical brasileira, e que deram origem às Bienais de Música Brasileira Contemporânea, começadas em 1975, e das quais foi o grande impulsionador. Foi destacado crítico de música em jornais do Rio de Janeiro; recebeu vários prêmios por sua atividade composicional; ocupou a presidência da Academia Brasileira de Música e trouxe sólida contribuição para nossa criação musical, graças às obras que compôs.

O *Trio tocata* é dedicado ao Trio Aquarius pelos seus 20 anos de atividades e seu valioso serviço prestado à divulgação da música brasileira. Ele é a primeira experiência do compositor com essa formação instrumental. O título indica uma descompromissada versão do trio sonata barroco, sem qualquer relação de forma e estilo. A peça tem um único movimento, cuja ideia inicial é uma sequência rítmico-melódica apresentada pelos três instrumentos em uníssono, contendo uma pulsação rítmico-dinâmica da tocata moderna. Essa pulsação se mantém através de diversos episódios, com elementos rítmicos e melódicos da música brasileira. Uma re-exposição desse material leva a uma coda que remete ao uníssono inicial.

Fernando Kozu (Fernando Hiroki Kozu, Londrina/PR, 06/08/1974) é graduado em música pela Universidade Estadual de Londrina, onde se especializou em História e Filosofia da Ciência. Fez mestrado em comunicação e semiótica na PUC/SP, com dissertação sobre a complexidade na música de Brian Ferneyhough. Iniciou seus estudos em composição como autodidata, tendo recebido formação em cursos dispersos, de 1994 a 2009, com Koellreutter, Mário Loureiro, Chico Mello, João Guilherme Ripper, Ricardo Tacuchian, Sílvio Ferraz e Ricardo Mandolini. Desde 2006, é professor assistente do curso de música da UEL, com ênfase em percepção, análise musical, harmonia e arranjo, e desenvolve um trabalho sobre a escuta musical de paisagens sonoras e as possibilidades de reconstrução para instrumentos acústicos. Em 2010, coordenou o 1º Encontro Paranaense de Composição Musical.

Em *Ai, mas onde, como?*, a ideia principal desta obra está na constituição gradual de um fluir sonoro em constante transformação, gerando paisagens sonoras diversificadas. A partir de uma figura inicial muito simples, apresentada pela flauta, outras ideias vão se desdobrando, num processo quase contemplativo de percepção musical. Ocorrem também citações-memórias a partir de outras referências musicais e extra-musicais: uma série dodecafônica de Schoenberg e uma sarabanda de Bach que aparece num filme de Bergman, associada à lembrança de uma separação, que está "ai, mas onde, como?"... Daí vem o título da composição, numa referência explícita a um conto de Cortázar, onde o trivial e o inesperado forjam os sustentáculos para a construção de um mundo ao mesmo tempo real e insólito.

Luis Felipe Damiani (Luis Felipe Vieira Damiani, Porto Alegre/RS, 22/02/1979) estuda música desde seus cinco anos e diplomou-se pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação de Marcello Guerchfeld. Nos Estados Unidos,

estudou com Jennifer John e Kurt Sassmannshaus, e na Itália com Boris Belkin e Giuliano Carmignola. Foi violonista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre e da Filarmônica de Minas Gerais, cargo que em 2011 deixou de ocupar para se tornar mestrando em composição musical e professor assistente da Universidade do Sul da Flórida, nos Estados Unidos. Da parceria com o cineasta e roteirista José Teixeira Brito resultaram a composição da música original para o curta metragem *O Sabiá* e para o longa *O Guri*, estreado em 2011.

A suíte para violino solo *O Sabiá* foi inspirada em roteiro homônimo de José Teixeira Brito em que um menino quilombola perde a faia ao passar pelo trauma de ficar órfão. Criado pelos avós, ele consegue elaborar o trauma e volta a falar e cantar ao custo de mais uma perda, desta vez da tão carinhosa avó. A peça musical é um primeiro esboço na elaboração da trilha sonora do curtametragem, veiculado em 2010, e busca caracterizar os sentimentos e crenças do protagonista, assim como ilustrar a emblemática região da campanha Gaúcha com suas paisagens e ritmos. A fantasia do autor sobre o canto do sabiá, transfigurada em uma série dodecafônica, costura os quatro movimentos da Suíte.

Nestor de Hollanda Cavalcanti (Rio de Janeiro/RJ, 26/11/1949), compositor e arranjador, atuou como professor no Conservatório Brasileiro de Música e na Escola de Música Villa-Lobos, coordenador do Promemus/Funarte, chefe da Divisão de Música na Fundação Biblioteca Nacional e diretor da Divisão de Música no RioArte. Foi diretor musical dos conjuntos *Cobra Coral* e *Garganta Profunda*, do qual foi um dos fundadores. Publicou diversos textos e atua como pesquisador e produtor de discos. Tem cerca de 300 obras, abrangendo trabalhos para orquestra, câmara, coro e canto, várias delas gravadas e editadas.

A *Suíte quase clássica* (nº 1 da série "Cartas a meu Pai") é uma homenagem a meu pai, Nestor de Hollanda, pernambucano de Vitória de Santo Antão, em comemoração pelos seus 90 anos. Falecido no Rio de Janeiro em 1970, foi jornalista, escritor, teatrólogo, radialista, publicitário e compositor popular com mais de uma centena de obras gravadas. É, também, uma homenagem a quatro de seus amigos: Jorge Tavares e Ismael Netto, parceiros mais constantes, Lyrio Panicali e Alexandre Gnattali, dois dos melhores arranjadores que vestiram suas canções. Como ele era um amante da música e dos clássicos, fiz uma suíte a seu gosto que abre com *Quase prelúdio*, "quase completo" (falta um período, por isso o "quase"). Seguem-se três "quase" danças clássicas, por não seguirem totalmente a forma dessas danças, e por terem introduções e coda: *Quase loure*, *Quase corrente* e *Quase sarabanda*. O autor completa: "Termina com uma 'quase giga'! Não! Com *Quase frevo*, com forma também modificada. Nas danças centrais, utilizei alguns incisos das músicas de meu pai, pequenos trechos dos arranjos feitos por Gnattali e Panicali e encadeamentos harmônicos encontrados na música popular brasileira entre os anos 40 e 60."

Pablo Panaro (Pablo Panaro do Nascimento, Rio de Janeiro/RJ, 18/08/1978) graduou-se em composição musical pela Unirio, onde estudou com Dawid Korenchender, Ricardo Tacuchian, Marcos Lucas e Caio Senna. Atualmente, busca em sua linguagem musical uma síntese de estéticas diversas, num encontro entre formas tradicionais e novas sonoridades expressivas.

Mar de sargaço, baseada em poemas de Fernando Pessoa, é uma obra em três movimentos, que trata da água sob três diferentes manifestações: a chuva, o mar e o rio. A água não é tomada apenas como manifestação natural, mas, sobretudo, como símbolo ou metáfora para o inconsciente. Desse modo, cada movimento da peça representa um momento dentro do processo de aproximação do indivíduo com seu universo interior. No primeiro movimento, "Chove, há silêncio", o Eu ainda não travou contato com sua própria interioridade, e projeta seus anseios e medos em uma chuva que parece ocorrer fora de si. Este alheamento torna as emoções turvas e imprecisas, como diz o poema: "... Quando a alma é viúva do que não sabe/ O sentimento é cego". O segundo movimento, "Tudo o que faço ou medito", procura retratar a difícil tomada de contato do Eu com seu interior, e a turbulência que o desvelar dos próprios medos e contradições pode provocar: "... Minha alma é lúdica e rica/ E eu sou um mar de sargaço". O terceiro movimento, "Entre o sono e sonho", simboliza a integração do inconsciente com a porção racional do indivíduo. Ao mesmo tempo, representa a descoberta e o reconhecimento de uma força maior que o próprio Eu, viva em seu interior: "... Entre mim e o que em mim/ É o quem eu me suponho/ Corre um rio sem fim".

Rafael Valle (José Rafael Valle Gomes da Costa, Rio de Janeiro/RJ, 14/07/1985) começou sua carreira musical como guitarrista de bandas de rock e operador de áudio. Após estudar composição e regência orquestral na Unirio e UFRJ, respectivamente, começou seu mestrado em composição e regência orquestral nos Estados Unidos na East Carolina University, onde estudou com o compositor Edward Jacobs e com o maestro Jorge Richter, além de atuar como maestro assistente da ECU Symphony Orchestra. Recentemente, terminou seu mestrado em Computer Music/Composition na Musikhochschule Stuttgart, nas classes do compositor Marco Stroppa e Piet Meyer, com foco em estratégias composicionais baseadas em psicoacústica e instalações sonoras com vibrações corporais e *human computer interaction*. Contato em www.rafaelvalle.com.

I a b i r i n o dialoga com as descobertas feitas pelos teóricos da música eletrônica e da música concreta. Na composição de suas micro e macro estruturas, a obra focaliza-se na relação entre a diade *intervalo música e ritmo*, e.g. *tremolli* e segundas menores em região frequencial específica, e faz uso de grupos tônicos, sons nodais, grupos nodais e sons estríados, sintetiza instrumentos e objetos sonoros pela manipulação não só do envelope dinâmico do som para transformar seu ADSR, mas também seu envelope espectral para expandir sua estrutura harmônica e sua fase para mudar, psicoacusticamente, sua posição na sala de concerto.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea Teatro João Caetano

17 de outubro de 2011 – segunda-feira, 19h



Alexandre Lunsqui



Fábio Costa



Guilherme Barroso



Marco Feitosa



Maurício Dottori



Paulo Raposo



Wellington Sousa

I

Fábio Costa *Em quatro dimensões **

Paulo Raposo *Existência **
piano solo Ingrid Barancoski

Marco Feitosa *Concertino para piano e orquestra de câmara **
piano solo Marina Spoladore

II

Alexandre Lunsqui *Línea reflexio **

Guilherme Barroso *Três momentos para orquestra **

Wellington Sousa *Tormenta **

Maurício Dottori *A rosa trismegista, aberta ao mundo **

* obras em estréia mundial, premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010

Orquestra Sinfônica Nacional / Universidade Federal Fluminense

regente preparador Sammy Fucks

regente Lutero Rodrigues

Alexandre Lunsqui (São Paulo/SP, 01/12/1969; <http://www.lunsqui.com>) fez bacharelado na Unicamp, mestrado na University of Iowa, doutorado na Columbia University e no *Institute de Recherche et Coordination Acoustique/Musique* (IRCAM), tendo como principais professores Tristan Murail, Fred Lerdahl e José Augusto Mannis. É professor-doutor de Composição e Harmonia na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Dentre os prêmios recebidos, destacam-se os da Bolsa Virtuoso/Ministério da Cultura, do Programa Petrobrás Cultural, da Fromm Foundation/Harvard University e o Salvatore Martirano Award/Illinois University. Recebeu recente encomenda da New York Philharmonic, de obra orquestral a ser estreada no *Metropolitan Museum* de Nova Iorque. Tem obras executadas na Europa (Alemanha, Áustria, França, Inglaterra, Itália, Polónia...), na China e na Indonésia, na Argentina e em Costa Rica, nos EUA. Dentre os grupos que tocaram obras suas, destacam-se os Ensembles Aleph, L'Arsenale, Piano Possible e Cairn; o Arditti String Quartet, a Manhattan Sinfonietta, a Time Table Percussion, o Nieuw Ensemble, o Tala Ensemble, o International Contemporary Ensemble. **Linea Reflexio** explora o conceito de linhas horizontais sendo transformadas de diversas maneiras: ora o material melódico-harmônico é refletido por toda a orquestra (como num espelho sonoro), ora é distorcido e confrontado por inserções verticais bastante marcantes. Cria-se, portanto, um diálogo entre a natureza linear da peça e a plasticidade de seus desdobramentos rítmicos.

Fabio Costa (Fabio Cigliani Martins Costa, São Paulo/SP, 04/12/1971), regente, pianista e compositor, é formado pela Academia de Música de Viena e regeu mais de 200 concertos sinfônicos e de ópera. Como regente assistente da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (2008-2009), dirigiu mais de 60 concertos sinfônicos por todo o Estado de Minas Gerais. Entre 2000 e 2003, enquanto regente associado da Sinfônica de Spokane e Diretor de Orquestras da Eastern Washington University, regeu nos EUA cerca de 80 concertos. Dirigiu ainda a Orquestra Experimental de Repertório, a Orquestra Petrobrás Sinfônica, a Orquestra Sinfônica da USP, a Orquestra Sinfônica de Mendoza, a Orquestra Sinfonia Cultura, a Orquestra Sinfônica do Paraná e a Orquestra Amazonas Filarmônica, entre outras. Como compositor, tem obra extensa e é vencedor do II Concurso Cláudio Santoro de Composição Musical da Academia Brasileira de Música (2008) com a obra sinfônico-corral "Salmo da Terra".

Em quatro dimensões – variações sobre planos sonoros para orquestra sinfônica – é obra em que as intensidades/dinâmicas musicais desempenham função estrutural, ao determinar, do ponto de vista da percepção acústica do ouvinte, "planos" sonoros em diferentes perspectivas de "proximidade", por entre os quais são distribuídos o material musical e seu desenvolvimento. Processos semelhantes permeiam a obra como princípio construtivo, operando efeitos de mascaramento acústico e tímbrico, assim como pontuações sintáticas e estruturais significativos do texto musical. Formalmente, a obra é uma série de variações sobre material vertical restrito a 16 acordes, de seis e de sete notas, não-tonais, mas de harmonicidade interna, e com algum aparente diatonismo na voz superior. A aleatoriedade controlada é empregada continuamente no decorrer da obra como técnica discursiva.

Guilherme Barroso (Guilherme dos Santos Barroso, Rio de Janeiro/RJ, 21/09/1986) formou-se em regência em 2009, sob orientação de Valéria Matos, na Escola de Música da UFRJ, onde, atualmente, cursa mestrado em Musicologia Histórica, orientado por Marcelo Fagerlande. Realizou cursos internacionais de regência coral com Martin Schmidt (Karlsruhe/Alemanha) em 2008, 2009 e 2010, e com Saul Zacks (Dinamarca), em 2009. Como compositor, ganhou o I Prêmio de Composição para Orquestra Sinfônica da UFRJ, em 2008, com a peça *Poema Sinfônico*, estreada no Panorama da Música Brasileira Atual do mesmo ano. Em 2009, teve a peça *Cantiga* para coro a capela estreada na XVIII Biental de Música Brasileira Contemporânea. Atualmente, atua como alaudista, regente e professor na Associação de Canto Coral no Rio de Janeiro.

Os **3 Momentos para orquestra de cordas** têm, como elementos de ligação, temas modais típicos da cultura brasileira. Cada momento apresenta um tratamento composicional diferente.

Marco Feitosa (Marco Antônio Ramos Feitosa, Salvador/BA, 14/11/1984) é mestrando em composição musical (bolsista do CNPq) e graduado em composição e regência pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Obteve premiações nos principais festivais de música da Bahia, como o Festival de Música Educadora FM, o Festival Universitário de Música da Bahia (Unifest) e o Festival de Música da Bahia (FMB). Participou da XVIII Biental com a obra *Ave Maria*, executada pelo coral Brasil Ensemble, e do VI Encontro Nacional de Compositores Universitários. Participou ainda dos shows de abertura de Gilberto Gil, na Recepção Calourosa da UFBA, e de Mart'nália, no projeto MPB Petrobrás, além do projeto Pelourinho Dia e Noite e do Festival Nacional da Canção (FENAC). Algumas de suas canções foram interpretadas pela cantora Ana Paula Albuquerque, e teve obras executadas pela Orquestra Sinfônica da UFBA e por integrantes do NEDJIBA. Sua criação apresenta um universo musical diverso, que abrange influências da atmosfera sonora popular à música de concerto.

Seu **Concertino**, estruturado num único movimento, apresenta três seções distintas, nas quais se transita do universal ao regional, através dos elementos musicais e processos composicionais empreendidos, da variedade de recursos técnicos e sonoros explorados ou do diálogo contumaz entre o instrumento solista e o corpo orquestral. Composta entre 2009 e 2010, a peça possui uma intensa voracidade, intercalada por momentos de humor e sutileza, além de uma inusitada cadência, que consiste numa seção de improvisação a partir de materiais pré-composicionais.

Maurício Dottori (Rio de Janeiro/RJ, 1960), compositor e musicólogo, foi aluno do clarinetista José Botelho na Escola de Música Villa-Lobos. Autodidata, aperfeiçoou-se em composição com Sylvano Bussotti e Mauro Castellano, na Scuola di Música di Fiesole, em Florença, na Itália, entre 1984 e 1985. Fez mestrado em artes pela Universidade de São Paulo (1988-91), e doutorado em música pela Universidade do País de Gales, Cardiff (1993-97). Entre 1992 e 2002, foi professor de contraponto e da composição na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Desde então, é professor de contraponto, composição e eletroacústica da Universidade Federal do Paraná. Nestas duas instituições, foi responsável pela formação de toda uma geração de compositores paranaenses. Suas composições têm sido executadas em concertos e festivais no Brasil, Europa e Américas. É regente do grupo curitibano Nova Camerata, e faz pesquisa sobre princípios cognitivos da composição musical. Foi presidente da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais.

No poema **Canto Órfico**, Carlos Drummond de Andrade diz que, em nosso mundo desintegrado em abismo, "a dança já não soa, / a música deixou de ser palavra, / o cântico se alongou do movimento. / Orfeu, dividido, anda à procura / dessa unidade áurea, que perdemos." Mas sugere que a poesia pode ser razão de otimismo: "Orfeu, que te chamamos, baixa ao tempo / e escuta: / só de ousar-se teu nome, já respira / a rosa trismegista, aberta ao mundo." Esta é também a inspiração da peça: criar um território distinto mas localizável em sons, mítico e real ao mesmo tempo — uma "heterotopia" como chamou Foucault —, que conteste o criado pelas músicas que, involuntariamente, nos cercam. Que, por detrás da aparente convencionalidade que lhe faculta a fruição, seja novo e nos proveja algo: uma reserva de imaginação.

Paulo Henrique Raposo (Paulo Henrique Guimarães Raposo, Taubaté/SP, 11/07/1983), residente em Pindamonhangaba/SP, é bacharel em guitarra pela Faculdade Santa Cecília/Pindamonhangaba e pós-graduado *latu sensu* em composição musical pela Faculdade de Música Carlos Gomes/São Paulo. Estudou composição, orquestração e análise com o compositor Celso Mojola, entre 2004, e 2009 e atualmente é mestrando em composição musical na Unirio.

Existência é palavra que foi aleatoriamente escolhida como título a partir da abertura de um livro em uma página qualquer. Ela também serviu de base para a criação dos materiais harmônicos empregados, relacionando as letras do alfabeto com as notas musicais. As notas resultantes pertencem ao terceiro modo de transposições limitadas de Messiaen e, de certa forma, a sonoridade geral da obra é governada por este modo. Outro procedimento foi o uso destas mesmas notas resultantes como uma série. A organização harmônica da obra é rígida; seu discurso é fragmentado e não-desenvolvimentista, onde blocos são justapostos e, em certas passagens, sobrepostos uns aos outros, gerando uma textura composta por diversas camadas. Pode-se dividir a obra em três seções: a primeira com um pulso rítmico mais forte e com um discurso mais fragmentado; a segunda, em andamento mais lento e harmonia mais estática, com diversos solos de instrumentos de sopro, concluindo em uma pequena cadência do piano; e a terceira, apresenta um retorno resumido dos materiais da primeira, e funciona como uma *coda* para toda a obra.

Welligton Sousa (José Welligton Sousa de Castro, Pindoretama/CE, 30/05/1988) iniciou estudos musicais em 2000, quando ingressou na Banda de Música de Pindoretama, tocando trombone. Viajou com esse grupo em 2002 e 2006 para Hamburgo, onde fez apresentações no Duckstein Festival, Summer Jazz Festival Pinneberg, Fifa Fan Fest, Altonale, Kieler Woche e Wine Fest Pinneberg. Ganhou o prêmio "Alberto Nepomuceno de Composição para Banda de Música", do IV e V Editais de Incentivo às Artes da Secretaria de Cultura do Ceará. Em 2007, ingressou no curso de bacharelado em composição da Universidade Estadual do Ceará com o professor Alfredo Barros. No ano seguinte, foi assistente de arranjos de seu professor na produção musical do espetáculo *Reino*. Teve arranjos e composições tocadas por grupos da Bélgica, Colômbia, França, Estados Unidos e Itália. Atualmente faz arranjos e composições para a Orquestra Contemporânea do Ceará, grupo que serve como laboratório para suas experiências musicais.

Tormenta, sua primeira grande obra para orquestra, é constituída a partir de estudos feitos em processos observados nas obras de Bartók, Debussy, Stravinsky e Strauss. Ela traz uma estética de exaltação à natureza, onde as diversas variações temáticas e de orquestração sugerem a oscilação entre tempestade e calma, com os naipes orquestrais procurando imitar sons da paisagem sonora de uma chuva.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Sala Funarte Sidney Miller

18 de outubro de 2011 – terça-feira, 19h



Arthur Rinaldi



Gilberto Mendes



Juliano Vale



H. D. Korenchandler



Marisa Rezende



Rafael Nassif



Tim Rescala

I

Gilberto Mendes *Os meninos da Vila* **
violinos Carla Rincon e Andréa Carizzi, *violoncelos* Hugo Pilger e Marcus Ribeiro, *contrabaixo* Larissa Coutrim, *flauta* Antônio Carlos Carrasqueira, *oboé* Luis Carlos Justi, *fagote* Aloysio Fagerlande, *trombone* João Luiz Areias, *piano* Viviane Sobral
regente Paulo Sérgio Santos

Tim Rescala *Sete vezes* **
piano Maria Teresa Madeira
Quarteto Radamés Gnattali:
violinos Carla Rincon e Andréa Carizzi,
viola Fernando Thebaldi, *violoncelo* Hugo Pilger
Quinteto Villa-Lobos:
flauta Antônio Carlos Carrasqueira, *oboé* Luis Carlos Justi,
clarineta Paulo Sérgio Santos, *fagote* Aloysio Fagerlande,
trompa Philip Doyle

Juliano Vale *Demônios tristes* *
contrabaixo Larissa Coutrim
Quarteto Uirapuru:
violinos Fernando Pereira, Marco Catto,
viola Dhyan Toffolo, *violoncelo* Cláudia Grosso
regente Ubiratã Rodrigues

Marisa Rezende *Olho d'água* **
contrabaixo Larissa Coutrim, *clarineta* Marcos Passos, *piano* João Vidal
Quarteto Uirapuru:
violinos Fernando Pereira e Marco Catto,
viola Dhyan Toffolo, *violoncelo* Cláudia Grosso
regente Flávia Vieira

II

H. D. Korenchandler *Revisitando* **
Quarteto Uirapuru:
violinos Fernando Pereira, Marco Catto,
viola Dhyan Toffolo, *violoncelo* Cláudia Grosso

Arthur Rinaldi *Três canções sobre poemas de Lorca* *

Rafael Nassif *Salve Regina silma in memoriam* *

José Vieira Brandão *Chorinho* (texto: Vieira Brandão)

Coro Brasil Ensemble – UFRJ

sopranos Cassia Raquel da Silva, Daruã Góes de Farias, Isabela Vieira Marinho, Kamille Távora,
Marcela Lopes Duarte, Michele Carla Menezes, Michelle Ramos de Paula
contraltos Amanda Feitosa, Carol Carvalho, Luan Góes, Rebecca Vieira,
Rosely de Azevedo, Susan Silva Cruz, Tayane Pereira
tenores Alberto Nery, André Luis Catanhede, Cyrano Moreno Sales, Elizeu da Silva Batista,
Fábio do Carmo Sá, Rafael Bezerra, Roberto Monteiro da Silva Salles, Zangerolame Tabosa
baixos Carlos Vinicius Santos, Eduardo Neves, Fernando Lourenço, Gilmar Garantizado,
Jessé do Carmo Bueno, Leonardo Moreira Silva, Rodrigo Peçanha

regente Maria José Chevitarese

Obras em estreia mundial:

* premiadas no Concurso Funarte de Composição 2010

** encomendadas pela Funarte em 2010

Arthur Rinaldi (Arthur Rinaldi Ferreira, São Paulo/SP, 25/10/1980), formado em composição e regência, e mestre em música pela Unesp, atua como professor nessa universidade e na Faculdade Santa Marcelina/São Paulo. Como compositor, interessa-se sobretudo por obras para percussão, e obteve o primeiro lugar no "I Concurso Nacional de Composição para Instrumentos de Percussão Brasileiros - Hildegard Soboll Martins", em 2008, com a peça *Septeto*. Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado na Unesp sobre linguagem musical e procedimentos de organização formal.

As *Três canções sobre poemas de Lorca*, de 2006, servem-se dos textos de *Hora de Estrellas*, *Meditación Primera y Última* e *Se ha quebrado el sol*. Neste ano, o compositor realizou estudos sobre a música e a cultura flamenca, especialmente em relação às construções rítmicas e à elaboração das progressões harmônicas, incluindo a incorporação de dissonâncias. Na obra, estes elementos são usados livremente, reincorporados a um discurso musical contemporâneo. Os textos trazem menções a elementos comuns à temática flamenca, como a paisagem rural de pastos e montanhas, o grilo, a noite, o Sol "cor de cobre" e mesmo o choro, combinados com uma escrita sóbria e muito introspectiva, carregada de contrastes súbitos de imagens.

Gilberto Mendes (Gilberto Ambrosio Garcia Mendes, Santos/SP, 13/10/1922), aos 19 anos, trocou as arcadas da Faculdade de Direito de São Paulo pelo Conservatório Musical de Santos, onde estudou harmonia com Savino de Benedictis e piano com Antonietta Rudge. Praticamente autodidata como compositor, trabalhou algum tempo sob orientação de Cláudio Santoro e Olivier Toni, e frequentou os Ferienkurse für Neue Musik de Darmstadt, na Alemanha. Grande agitador musical, fundou o Festival Música Nova de Santos, em 1962, e assinou o Manifesto Música Nova, em 1963. Professor-doutor aposentado da ECA-USP, deu aulas nos Estados Unidos, como professor visitante e artista em residência, nas Universidades do Texas e de Wisconsin. Recebeu os melhores prêmios e distinções no Brasil e no exterior, inclusive a Comenda do Mérito Cultural do Ministério da Cultura. É autor dos livros *Uma Odisseia Musical* e *Viver sua Música* (finalista do Prêmio Jabuti), publicados pela EDUSP, e colunista do jornal *O Estado de S.Paulo*. Sua música já foi tocada nos cinco continentes, principalmente na Europa e Estados Unidos. É membro honorário da Academia Brasileira de Música.

Os Meninos da Vila é uma homenagem ao jovem futebol santista. Para pequeno grupo instrumental, sua forma é a de um fluxo melódico contínuo, representando a bola em campo com os jogadores em sua perseguição. Momentos de dribles, perseguições, tombos, amontoamentos dos jogadores, enfim, tudo o que pode acontecer no campo, representado por esse fluxo de vozes musicais paralelas. Em alguns pontos os próprios músicos cantam uma frase musical esportiva, de incentivo à luta esportiva.

Juliano Valle (Juliano Santana Serravalle, Salvador/BA, 20/01/1987), graduando em 2009 do curso de composição e regência da Universidade Federal da Bahia, com habilitação em composição, teve como mestres Paulo Costa Lima e Agnaldo Ribeiro. Participou de *master classes* com os professores Jon Appleton, Antonio Carlos Borges Cunha, Paulo C. Chagas e Felipe Lara. Atualmente, atua como pesquisador bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Assinou a releitura da composição do documentário "Nanook of the North", apresentada ao vivo no I festival de Documentários de Cachoeira/BA. Em sua trajetória no cenário da música popular já dividiu palcos, trabalhou como diretor musical, arranjador e músico com vários artistas da Bahia.

Demônios Tristes alude a verso de famoso soneto de Jorge de Lima, o XXVI da *Invenção de Orfeu*: "...folhas brotando de âmago de bronze, demônios tristes, choro nas bifrontes...", no qual o autor explicita a sua busca pela expressividade de opostos impossíveis e impensáveis. Da mesma forma, a presente obra almeja a criação de ambientes tensionados pela utilização de gestos instrumentais tais como mudanças bruscas de dinâmicas, contraste entre indeterminação e determinação e variações texturais.

Marisa Rezende (Rio de Janeiro/RJ, 08/08/1944) compositora e pianista, fez mestrado e doutorado na Universidade da Califórnia, e pós-doutorado na Universidade de Keele/ Inglaterra. Foi professora da UFPE, entre 1976 e 1987, e depois professora titular de Composição da EM/UFRJ, até 2002. Nessa instituição, fundou, em 1989, o Grupo Música Nova, em 1989, responsável por mais de uma centena de estreias do repertório brasileiro contemporâneo, e no qual atuou

como pianista e coordenadora. Participa dos principais eventos de música contemporânea brasileiros, tendo obras suas gravadas e executadas também no exterior, como no Festival Sonidos de las Americas, do Carnegie Hall; na Tribuna Internacional de Compositores, da UNESCO, no Festival Brasilianischer Musik, de Karlsruhe. Tem composto obras encomendadas para projetos da Sala Cecília Meireles, da OSESP, do CCBB, do Festival Música Nova de São Paulo/Santos, e trabalhado com artistas plásticos em instalações multimídia. Recebeu, em 1999, a Bolsa Vitae de Artes da qual resultou o espetáculo *O (In) dizível*. Entre 2003 e 2005, compôs *Vereda* para a OSESP, *Avessia*, e *Viagem ao Vento*, estreadas pela OSB e encomendadas pela Sala Cecília Meireles, em comemoração aos seus 40 anos e aos 200 anos da chegada da família real ao Brasil, respectivamente. Parte de sua obra encontra-se gravada em 10 cds, sendo o cd *Marisa Rezende: Música Olho d'água* se inspira num mínimo elemento da natureza que, com sua efervescência provinda das entranhas da terra, alimenta os cursos dos rios. As sutis transformações desse elemento e a imagem de renovação que ele encerra motivam essa obra escrita em um movimento, que fala também do olhar humano, emocionado, ante o mistério da vida.

Rafael Nassif (Rafael Carneiro Nassif, Juiz de Fora/MG, 19/07/1984), compositor, pianista, professor e organizador de concertos, é bacharel em composição pela UFMG, tendo obras tocadas, gravadas e premiadas no Brasil e no exterior. Divide residência entre Cataguases, Belo Horizonte (onde coordena programa em www.eugostariadeouvir.com) e Stuttgart, onde aperfeiçoa a sua formação na Escola Superior de Música e Artes Performativas desde 2009. Atua como *free-lancer* escrevendo sobre encomenda de conjuntos como a Filarmônica de Minas Gerais e o quarteto de violões Corda Nova. Mais informações em www.myspace.com/rafaelnassif.

Salve regina silma in memoriam traz cerca de sete minutos de um intenso e ininterrupto fluxo sonoro para coro de meninos ou feminino e órgão *non obbligato*. Um *cantus firmus* cantado pelo soprano 1 é harmonizado com acordes que não permitem relações harmônicas muito claras; quase sempre os cantores realizam um glissando lento entre os tons que, junto ao seu caráter de lamentação, criam harmonias complexas, com batimentos entre as notas sustentadas e as notas em glissando. O soprano 1 apresenta o texto "salve regina" integral em latim; as outras vozes trazem o texto na íntegra, mas com retrogradações das palavras e frases, além de permutações. As vozes cantam sempre de forma homofônica, como se fossem uma só voz expandida; junto acontece uma intrincada polifonia de palavras com as variadas ordenações do texto ocorrendo simultaneamente; há também interpolações, partindo da quase completa não-identificação (todas as vozes com palavras diferentes), até a total clareza (mesma palavra para todos), ou vice-versa.

Tim Rescala (Luiz Augusto Rescala, Rio de Janeiro/RJ, 21/11/1961) é compositor, pianista, arranjador, autor teatral e ator. Estudou na Escola de Música da UFRJ e na Escola de Música Villa-Lobos. Com Hans-Joachim Koellreutter estudou composição, contraponto, arranjo e regência. Licenciou-se pela UniRio, em 1983. Autor da músicas, autor e diretor musical de mais de 60 peças de teatro, recebeu os prêmios Mambembe, Shell e Coca-Cola, entre outros. Trabalhou com os grupos Galpão e Giramundo e com Aberbal Freire-Filho, Amir Haddad e Domingos de Oliveira. Faz música para cinema, em especial para filmes de Eduardo Coutinho, e para televisão, trabalhando para a TV Globo desde 1989. Na TV destaca-se seu trabalho para "Hoje é dia de Maria 1 e 2", de Luiz Fernando Carvalho. Participou como compositor e regente de diversos festivais de música contemporânea no Brasil e no exterior. É autor de óperas, musicais, música de câmera e música eletroacústica. Sua peça *Pianíssimo* foi o primeiro texto infantil a ser apresentado na Comédie Française em seus mais de 300 anos de existência. Com o selo Pianíssimo, lançou diversos Cds para crianças e adultos. Recebeu as bolsas Vitae e Rio-Arte. Foi diretor da Sala Baden Powell, RJ, em 2005 e 2006. É sócio fundador da Musimagem Brasil. Em 2009, ganhou novamente o prêmio Shell pela direção musical de "Miranda por Miranda".

Sete vezes parte de uma série de sete números (4-6-3-7-2-5-1) para organizar toda sua estrutura sonora. Tanto a organização formal, quanto o comportamento de cada parâmetro sonoro, obedecem a esta série, embora ela seja sempre utilizada de forma livre e nunca estrita. O ritmo é tratado como parâmetro central, influenciando o comportamento de todos os outros.

XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Teatro João Caetano

19 de outubro de 2011 quarta-feira, 19h

↓

Almeida Prado *Paná- Paná III* **
acordeão Marcelo Caldi, *marimba* Leo Souza
celesta Viviane Sobral, *piano* Josiane Kevorkian
Quarteto Radamés Gnattali:
violinos Carla Rincon, Andréa Carizzi
viola Fernando Thebaldi, *violoncelo* Hugo Pilger

** última obra do compositor, em estréia mundial, encomendada pela Funarte em 2010

↓

Almeida Prado *Missa de São Nicolau* (1985/86)

Orquestra e Coro da Cia. Bachiana Brasileira

soprano Veruschka Mainhard, *contralto* Clarice Prietto,
tenor Ricardo Tuttmann, *barítono* Marcelo Coutinho

sopranos Danielly Souza***, Dani Sardinha, Daruã Goes, Flávia Castilho, Françoise Santos,
Manuela Vieira, Mariella Rosa, Maryjane Santos, Michele Ramos *, Paola Soneghetti,
Sueli Mello, Telma da Costa, Vivian Benford

contraltos Andrea Stark, Andressa Inácio, Deliane Paiva, Kristina Michahelles, Luan Góes,
Mariana Bonifatti, Monica Alcantara, Paula Márcia Moraes,
Thália Calcavecchia, Viviane Gonzalez *

tenores Cyrano Sales, Diogo Oliveira *, Igor Okowinsky, Mateus Miccichelli,
Rodrigo d'Aguila, Saulo Pereira, Vitor Damiani **, Victor Salzedo

baixos Allan Araújo, Angelo Cunto, Anton Steuxner, Antonio Cerdeira, David Monteiro,
Emerson Lima *, José Rossine, Luis Alvim, Matthias Gralle

pianista acompanhadora Eliara Puggina

(* *monitor de naipe* ** *diretor de quartetos* *** *regente assistente*)

flautas Marcelo Bomfim, Helder Teixeira,

oboés Jorge Postel, Francisco Gonçalves

clarinetas Walter Júnior, Bezaleel Ferreira

fagotes Elione Medeiros, Felipe Destéfano

trompas Thiago Ariel, Eliezer Conrado

trompetes Nailson Simões, Osiel Braga

trombones Jacques Ghestem, Marco Della Favera

tímpanos Rodrigo Foti, *percussão* Leonardo Soares

violinos I Constança de Almeida Prado (*spalla*), Marisol Infante, Vera Kingkade,

Alina Paducel, Brigitta Calloni, Nikolay Sapoundjev, Ana Cristina Gelape,

Thais Soares, Angelo Martins, Willian Isaac

violinos II Clovis Pereira, Daniel Passuni, Angelo Dell'Orto, João Menezes,

Daniel Andrade, Carlos Weidt, Rudá Alves, Ana Catto, Laura Stezano

violas Gabriel Marin, Denis Golovin, Diemerson Sena, Serghei Iurcik, André Ferreira,

Rubia Siqueira, Bernardo Fantini, Tina Werneck

violoncelos Martina Stroher, Emilia Valova, Nora Fortunato, Luiz Daniel Sales,

Rigoberto Moraes, Marzia Miglietta

contrabaixos Claudio Alves, Alexandre Brasil, Tarcisio da Silva,

Ricardo Medeiros, Valéria Guimarães

direção e regência Ricardo Rocha

Paná-paná III – “Paná-paná” é o nome que indígenas brasileiros dão às borboletas. Pode-se falar de um ciclo de três peças com esse título. As duas primeiras são trios: um de 1977, outro de 1981, para clarineta, violoncelo e piano. A terceira é, também, a última do compositor, e foi encomendada pela Funarte em 2010. O compositor dedicou-a a Manoel Aranha Corrêa do Lago, seu amigo desde os tempos em que estudavam com Nadia Boulanger, e que o sucedeu na Academia Brasileira de Música. Ao dedicatário, o compositor escreveu carta a 12/08/2010, da qual foi extraída o texto a seguir:

“Terminei hoje minha nova obra – Paná-Paná III para octeto instrumental.
As borboletas foram a razão de minha inspiração.
O processo do ovo, lagarta, pupa, e a transformação em radiantes cores e formas cromáticas.
Por isso, a linguagem é cromática (série dodecafônica, atonal e diatônica).
Meu primeiro Paná-Paná é de 1977, para flauta, oboé e piano.
Em 1982, o novo Paná-Paná para violoncelo, clarineta em si bemol e piano.
Desta vez, o octeto me deu pano para muitas mangas – o quarteto de cordas, o piano, a celesta, vibrafone, marimba e acordeão.
Uma mistura heterogênea como as próprias cores das asas da borboleta.
Foi muito difícil compor esta obra, pois dar equilíbrio a instrumentos diferentes, um desafio à *la Villa-Lobos do Noneto*, do *Sexteto Místico*.
O acordeão é muito rico, e se mistura bem com outras texturas.
Mais o usei somente como melodia e não acompanhamento harmônico, pois podia cair no caricato sertanejo, *country*.
Para mim, um passo à frente”.

Missa de São Nicolau, de Almeida Prado – um tributo à música religiosa francesa

A origem da Missa como forma musical teve lugar quando o desenvolvimento do *Ars nova* tendeu a torná-la uma forma cada vez mais unificada, uma vez que até então a musicalização dessa cerimônia era feita em fragmentos avulsos, sem maior relação musical entre si. As primeiras missas polifônicas a mostrarem um sentido de unidade maior foram obra de diferentes compositores anônimos, que procuraram criar elos musicais perceptíveis entre as várias seções do gênero, como as célebres *Missa Tournai* e a *Missa Barcelona*. A primeira a ser toda composta por um mesmo autor foi a *Messe de Notre Dame*, o maior monumento musical do século XIV, escrita por Guillaume de Machaut antes de 1365. Com ele, a *Missa* foi a primeira grande forma musical produzida no Ocidente, consolidada nas cinco partes até hoje mantidas: *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*.

Guillaume de Machaut (1300-1377) foi o representante máximo do movimento do *Ars Nova*. Esse nome foi tirado do tratado musical do compositor Philippe de Vitry (1291-1361), intitulado *Ars nova notandi*, de 1322, no qual uma nova notação musical foi proposta, baseada no princípio da *isorritmia*, que trata da relação de proporcionalidade entre todas as linhas melódicas da polifonia, possibilitando que as vozes se desenvolvam sobre uma única base rítmica.

O movimento teve origem em Paris, como auge do desenvolvimento da que então passou a ser chamado *Ars antiqua*, nome dado à música produzida pelos compositores da chamada Escola de Notre Dame, cuja influência é reconhecida como importante no trabalho de compositores atuais como Steve Reich e Arvo Pärt. Já o nosso Almeida Prado, homem impregnado da mística católica, não chegou a se declarar influenciado por essa música, mas o fato dele ter estudado em Paris com Nadia Boulanger e o igualmente místico e católico Olivier Messiaen, entre 1970 e 1973, o tornam herdeiro e depositário da tradição musical francesa, especialmente da sua música religiosa. Na *Missa de São Nicolau*, a estética gótica da isorritmia do *Ars Nova* está representada em especial no *Gloria*, com seu belíssimo tema modal exposto em fugato e variado por contração, ampliação e outras técnicas que favorecem padrões simétricos de composição.

A *Missa de São Nicolau*, cujo título original é *Messe de Saint Nicholas*, foi escrita entre 1985 e 1986 por encomenda do Coro e Orquestra da Saint Nicholas Cathedral, de Fribourg, Suíça, onde recebeu estreia mundial, em 1987. Sua linguagem é modal, ainda que, em algumas passagens, a superposição de escalas acabe por gerar *clusters* que dão a falsa impressão de obra atonal. A maioria destes blocos, inclusive, é resolvida em acordes tonais maiores, sempre surpreendentes, que encerram todos os movimentos, à exceção do *Sanctus*: dó maior no *Kyrie*; ré maior no *Gloria*; mi maior no *Credo* e fá maior no *Agnus Dei*, indicando uma trajetória ascendente e simbólica, espiritual.

Por fim, Almeida Prado, que também era aquarelista, deixou sua marca pictórica na representação plástico-musical de conteúdos textuais, nos coloridos pastel e diáfano de acordes sustentados, nas tintas fortes e nos blocos “graníticos” de uníssonos em fortíssimo e marchas harmônicas modulantes.

A obra foi estreada em São Paulo, em concerto comemorativo do 60º aniversário do compositor, em 2003, com Lutero Rodrigues dirigindo a Sinfonia Cultura. Após a dissolução dessa orquestra, os materiais da apresentação não foram encontrados. A presente execução, que é a terceira mundial, demandou a revisão completa de cópia do manuscrito do compositor, assim como sua editoração e revisão da grade coro-orquestral e respectivas partes, além do preparo de uma redução para piano para o trabalho com o coro e os solistas. Essa revisão foi feita com a participação de José Staneck, responsável pela editoração do manuscrito, Danielly de Souza, na revisão da redução para piano, e Constança Moreno, filha do compositor e *spalla* convidada de nossa orquestra, na co-revisão das cordas e marcação das arcadas.

Caro Almeida, receba esta singela homenagem de todos os envolvidos nesse evento, pela passagem do seu primeiro aniversário de vida póstuma.

Ricardo Rocha



Almeida Prado e seu intérprete Benjamim da Cunha Neto, na XVIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea

Universidade Federal Fluminense

Reitor: Prof. Roberto Salles
Vice-Reitor: Prof. Sidney Mello
Diretora do Centro de Artes UFF: Tereza Cristina Nascimento Machado
Coordenador de Música do Centro de Artes UFF : Marcio Paes Selles

Orquestra Sinfônica Nacional – Universidade Federal Fluminense

Diretora-administrativa: Ana Paula Cerbino
Coordenação de Produção: Ana Paula Cerbino
Assistentes de Direção: Marcia José Soares, Mariza Garzon
Produção Executiva: Marilda Ribeiro
Auxiliar Administrativo: Valério Carvalhais
Arquivista e editor de partituras: Glauco Martins Baptista
Inspetor: Bruno Caldas
Montadores: Bruno Caldas e Robson Santos
Apoio: Centro de Artes – UFF
Produção Executiva Bienal 2011 – Tereza Quaresma

violinos I Vinicius Amaral (*spalla*), Carmelita Reis, Carlos André Weidt, Deivisson Branco, Dhiego Roberto Lima, Elisa Pais (músico licenciado), Giseli Sampaio (músico licenciado), Holly Diane, Juan Marcello Capobianco, Leonardo Fantini, Luisa Neiva de Castro, Tais Chagas Soares, Tomaz Pires Soares, Vera Kingkade;
violinos II Sônia Nogueira (líder de naipe), Álvaro Bruno Amaral Carriello Teixeira, Anderson Pequeno, Daniel Andrade, Juliana Fernandes, Keeyth Annie Vieira Vianna, Ladislau Augusto de Souza Brun, Nilce Nardi, Priscila Araújo, Rubem de Oliveira (músico licenciado), Talita Vilar Vieira;
violões Fernando Thebaldi (líder de naipe; músico licenciado), Ana Cristina Werneck, Carlos Henrique Fernandes, Daniel Ramalho Prazeres (músico licenciado), Diego Pereira da Silva, Fabiane Hitomi Nishimori Ferronato (músico licenciado), Reneide Gonçalves Simões, Storyan Gomide, Cláudia Marquês (músico convidado), Daniel Oliveira (músico convidado), Ana Luiza Lopes (músico convidado);
violoncelos Diana Lacerda (líder de naipe), Gabriela Sepúlveda, Daniel da Silva e Silva, Hudson Lima, Henrique Drach (músico licenciado), Janaina de Aquino Salles, Luciano Corrêa, Marcus Ribeiro de Oliveira, Ronildo Alves (músico licenciado);
contrabaixos Juan Roberto Capobianco (líder de naipe), Clay Protasio, Jorge Oscar de Souza (músico licenciado), Lise Aragão Bastos, Natália Iza Teles Terra, Raul d'Oliveira, Ricardo Medeiros;
flautas Helder Teixeira (líder de naipe), Andrea Ernest Dias, Murilo Barquette;
oboés Moisés Maciel (líder de naipe; músico licenciado), Harold Emert, Magda Pompeu, Jefferson Nery de Figueiredo;
clarinetas Márcio Costa (líder de naipe), Anderson César Alves (músico licenciado), Walter Junio, Renato Pereira Coelho (músico convidado)
fagotes Otacílio Ferreira (líder de naipe), Carlos Henrique Bertão, Cosme Silveira (músico licenciado), Marcos Campos;
trompas Geraldo Alves (líder de naipe), Priscila Viana, Marco Aurélio Vilas Boas, Waleska Beltrami;
trompetas Nelson Oliveira (líder de naipe), Delton Braga (músico licenciado), Elias Vicentino, Flávio Melo;
trombones Sérgio de Jesus (líder de naipe), Ezequiel Alexandre, Jorge Leite da Silva, Luiz Augusto Pereira;
tuba Carlos Vega;
percussões André Santos (líder de naipe), Karla Bach, Nirailton Nascimento, Paulo Bogado, Sérgio Naidin, Rafael Alves dos Santos (músico convidado), Eliezer Alves Corrêa (músico convidado);
harpa Vanja Ferreira;
celesta Elisa Wiermann (músico convidado)

Comissão Artística: Waleska Beltrami, Helder Teixeira, Priscila Viana e Murilo Barquette.

Orquestra Petrobras Sinfônica

Direção Artística Isaac Karabtchevsky
Regente Assistente Carlos Prazeres

Conselho Diretor Fernando Pereira, Carlos Mendes, Felipe Prazeres
Diretoria Artística Philip Doyle, Carlos Prazeres, Diana Lacerda, Márcio Sanchez, Sammy Fuks
Conselho de Representantes Camila Bastos, Jorge Soares, Luís Cuevas
Diretor Executivo Clodoaldo Medina
Gerente de Produção e Marketing Cinthia Berman
Gestão de Projetos e Novas Mídias Mateus Simões

Núcleo de Produção
Produção e Marketing Tatiana Palhano
Produção e Logística Danúcia Nobre
Produção Artística Malu Allen
Assistente de Produção Bianca Gomes
Estagiária de Comunicação Priscilla Ribeiro

Núcleo Artístico
Inspetor Ricardo Resende
Acervo Musical Bruno Collyer
Supervisor Técnico Marinaldo Gomes
Chefe de Montagem Marcelo E. Oliveira
Montador Annibal Meliante

Núcleo Administrativo-Financeiro
Coordenação Administrativo-Financeira Miguel Lima
Controller Elaine Grillo
Estagiário Administrativo Vinícius Caldas
Recepcionista Catarina Paul
Auxiliar de Escritório Roberto Marcolino
Auxiliar de Serviços Gerais Ingrid Silva
Assessoria de Imprensa Approach
Publicidade Casa da Criação
Programação Visual Clarice Soter + Eneida Déchery
Site Stijl Identidade Visual
Assessoria Jurídica Ferreira e Kanecadan

Associação Orquestra Pró Música do Rio de Janeiro
C.N.P.J./M.F. no. 031.241.029/0001-99
Rua da Assembléia, 77 – 16º andar – Centro
20 011-001 – Rio de Janeiro – RJ
tel.: (21) 2551 5595; fax: (21) 2551 5508
contato@opes.com.br – www.petrobrasinfonica.com.br

violinos I Felipe Prazeres (*spalla*), Elissa Cassini (*spalla*), Gustavo Menezes (concertino),
Ricardo Amado (concertino), Fernando Pereira, Carla Rincón, Andréa Moniz,
Tomaz Soares, Daniel Passuni, Flávia de Castro, Her Agapito, Nelson Abramento,
Sérgio Struckel, Iesuratinan Lobato
violinos II Carlos Mendes *, Ricardo Menezes, Márcio Sanchez, Vinícius Amaral, Camila Bastos,
Daniel Albuquerque, João Menezes, Flávio Santos, José Eduardo Fernandes,
Henrique Eduardo, Cremilda Marques, Sérgio Rosendo
violas Ivan Zandonade*, José Ricardo Taboada, Fernando Thebaldi, Daniel Prazeres, Dhyan Toffolo,
Noemi Uzeda, Denis Golovin, Ana Maria Scherer, Helena Buzack, Sérgio Bernardo
violoncelos Hugo Pilger *, Marcelo Salles, Diana Lacerda, Mateus Ceccato, Fábio Coelho,
Lyllian Moniz, Eleonora Rodrigues, Eduardo Menezes, Atelisa de Salles
contrabaixos Ricardo Cândido*, Jorge Soares, Saulo Generino, Gael Lhoumeau,
Antônio Botelho, Sonia Zanon
flautas / flautim Marcelo Bomfim*, Murilo Barquette, Luís Cuevas, Sammy Fuks
oboés / corne inglês Carlos Prazeres*, José Francisco Gonçalves, Janaina Perotto, Víctor Astorga
clarinetes Cristiano Alves*, Igor Carvalho, Paulo Passos
fagotes Elione Medeiros*, Ariane Petri, Paulo de Andrade
trompas Philip Doyle*, Ismael Oliveira, Francisco de Assis, Josué Silva, Antônio José Augusto
trompetes Nelson Oliveira *, David Alves, Vinícius Lugon
trombones Jacques Ghestem*, João Luiz Areias, Marco Della Fávera, Gilberto Oliveira
tuba Eliezer Rodrigues
tímpanos Pedro Sá*, Rodolfo Cardoso
percussão Lino Hoffmann Filho

(* líder de naipe)

As Bienais e a XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea

As Bienais de Música Brasileira Contemporânea foram criadas por Edino Krieger e Myriam Dauelsberg, em 1975. As três primeiras foram organizadas pela Sala Cecília Meireles; a partir da quarta edição, elas foram encampadas pela Funarte, quando Edino Krieger dirigia o então Instituto Nacional de Música, desta Fundação.

A Sala Cecília Meireles foi o palco privilegiado para os concertos das Bienais, e só não o será, em 2011, por estar em obras. Mas a Sala também está na origem desses ciclos, que têm raízes nos dois Festivais de Música da Guanabara, nela realizados em 1969 e em 1970. Esses Festivais tinham um alcance mais amplo, pois reuniam compositores brasileiros e de vários países das Américas, enquanto as Bienais, já pelo título, restringiram-se aos brasileiros. Tanto os Festivais como as primeiras Bienais contribuíram para a afirmação de nomes importantes de nossa música, como Almeida Prado, Lindembergue Cardoso e Marlos Nobre; além de apresentarem a estreia mundial de obras de autores já consagrados, como Camargo Guarnieri, Cláudio Santoro, Francisco Mignone e Guerra-Peixe.

Desde o início, as Bienais foram ecléticas, recusando estéticas e ideologias, afirmando-se como evento de exposição das mais variadas correntes. Realizadas no Rio de Janeiro, são nacionais por vocação. Se há presença maciça de compositores de São Paulo e do Rio e, em menor grau, da Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, isso se deve ao avanço maior do ensino e do desenvolvimento da música clássica nesses estados. Nesse sentido, São Paulo está necessariamente à frente, pois nenhum outro estado tem tantos centros importantes de ensino, criação e difusão, fora da capital.

Seleção de obras

A seleção de obras para as Bienais é um ponto crucial. Um órgão federal, como a Funarte, não pode simplesmente escolher compositores. A solução tem sido o concurso nacional, que abrange compositores brasileiros no exterior e estrangeiros radicados no Brasil. O concurso é lançado mediante edital publicado no *Diário Oficial da União*. O critério de seleção, observados os princípios gerais definidos pelo edital, é o da qualidade da obra proposta, ou seja, é um parâmetro necessariamente imponderável, indefinível. A comissão que as seleciona, escolhida pela Funarte, inclui músicos reputados, de vários estados e de diferentes tendências. Ela tem, tradicionalmente

sete membros, separados por grupos, para analisar diferentes conjuntos de obras. Cada obra proposta é avaliada por dois examinadores; se ambos concordam, ela é aceita, em caso de discordância, um terceiro resolve a questão.

Os servidores da Funarte organizam os trabalhos da Comissão de Seleção, sem deles participar. Os membros da Comissão ficam reunidos durante cinco ou seis dias. Até a Bienal passada, as obras propostas para seleção eram recebidas com a identificação completa do compositor. Para a XIX Bienal, as partituras passaram a ser identificadas por números, anotados pelos organizadores nas próprias partituras e nos envelopes fechados que contém a identificação dos compositores. A pontuação final das obras foi feita com base, exclusivamente, nessa numeração; os membros da Comissão encerraram seu trabalho sem saber quais eram os compositores e os títulos das obras por eles selecionadas. Após o encerramento, foram abertos, pela organização da XIX Bienal, os envelopes identificando os compositores e títulos de cada obra.

Outro ponto crucial é a divulgação do concurso nacional. O edital é publicado no *Diário Oficial da União* e nos sites do Ministério da Cultura e da Funarte. Como a imprensa tem dado, nacionalmente, pouco destaque à música erudita, a saída tem sido a divulgação por e-mails, dirigidos a compositores, intérpretes, escolas de música, críticos, *sites* especializados, entre outros. Para esta Bienal, recebemos 384 obras, das quais 59 foram selecionadas; algumas vieram de compositores brasileiros morando no exterior. Dado importante: 40% dos compositores vencedores ainda não haviam participado de nenhuma Bienal.

Encomenda de obras

Compositores de larga trajetória e renome geralmente não participam de concursos. Não é razoável que eles sejam ignorados num evento com a envergadura de uma Bienal. Por essa razão, a Funarte decidiu encomendar obras a alguns desses compositores. Era indispensável ter algum critério com alguma objetividade para escolher a quem encomendar obras sem cair em favoritismos ou em concepções estético-ideológicas – o que é perfeitamente aceitável em encomendas por instituições privadas. Qual critério adotar? Servimo-nos de um que é discutível, criticável, mas tem alguma objetividade: selecionamos 16 compositores que

participaram de 14 ou mais Bienais, a saber: Almeida Prado, Dawid Korenchandler, Ernst Mahle, Gilberto Mendes, Guilherme Bauer, Jocy de Oliveira, Jorge Antunes, Mario Ficarelli, Marisa Rezende, Murillo Santos, Nestor de Hollanda Cavalcanti, Raul do Valle, Ricardo Tacuchian, Roberto Victorio, Ronaldo Miranda e Tim Rescala. Outros critérios terão que ser propostos, no caso de novas encomendas.

Foi também encomendada uma obra a Edino Krieger, criador das Bienais, que não atingiu o total de participação em 14 edições, por não haver inscrito obras suas nos eventos por ele organizados. Da encomenda feita a Almeida Prado, resultou sua última obra, entregue à Funarte poucos meses antes de seu falecimento.

Obras por estados na XIX Bienal

Juntando obras concursadas e encomendadas, foram definidas, por Estados, para a XIX Bienal, as seguintes quantidades de obras: São Paulo – 26; Rio de Janeiro – 17; Rio Grande do Sul – 9; Paraná – 6; Bahia e Minas Gerais – 3; Ceará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Santa Catarina – 2; Paraíba – 1.

Compositores há pouco falecidos, que participaram de Bienais anteriores, serão homenageados com apresentação de obras suas, a saber: Carlos Cruz, Calimério Soares, Osvaldo Lacerda e Almeida Prado. José Vieira Brandão também será homenageado pela passagem do centenário de seu nascimento.

INOVAÇÕES NA XIX BIENAL - RECURSOS

Nas Bienais anteriores, as obras apresentadas eram selecionadas no ano de realização do evento. Na atual, elas foram objeto de concurso ou de encomendas, feitos no ano passado. As obras concursadas receberam prêmios em dinheiro, entre R\$ 8 mil e R\$ 30 mil; as encomendadas foram contempladas, cada uma, com R\$ 12 mil. Todos os pagamentos foram feitos no ano passado; eles são inéditos na história das Bienais e nessa quantidade ocorrem pela primeira vez no Brasil.

O concurso e as encomendas realizados no ano passado custaram R\$ 1,2 milhão. Para o ano em curso, as despesas com a realização do evento chegam a R\$ 1,5 milhão, incluindo pagamentos a quatro orquestras, um coro, mais 100 de intérpretes, custos gráficos, passagens, hospedagens, pessoal de apoio, gravação sonora, aluguel de instrumentos e outros gastos. Assim, o total investido na XIX Bienal será de R\$ 2,7 milhões, somado os investimentos de 2010 aos de 2011. Esse é o maior valor até agora

investido para a realização de uma Bienal. A XX Bienal, em 2013, está sendo pensada da mesma forma: lançamento de concurso e encomenda de obras em 2012, a serem pagas neste mesmo ano, deixando as despesas específicas do evento para o ano seguinte.

Encontros durante a XIX Bienal

As Bienais têm concedido passagens e estadias para que compositores de outros estados possam vir ao Rio de Janeiro, assistir à execução de suas obras. A vinda desses compositores é importante, já que propicia a troca de experiências entre compositores de vários estados.

Em Bienais anteriores, foram realizadas, paralelamente aos concertos, atividades diversas, como conferências, exibições de filmes sobre música brasileira, leitura musical para cegos e discussões sobre direito autoral. Como a maioria dos compositores fica poucos dias no Rio de Janeiro, o alcance dessas atividades é necessariamente restrito, pois, para eles, é importante assistir aos ensaios finais de suas obras. Nessa Bienal, optou-se por realizar três encontros, nos dias 11, 14 e 18 de outubro, das 14 às 17 horas, para discussão de temas de interesse de compositores, intérpretes e interessados. Um desses temas poderá ser a própria dinâmica da realização das Bienais, seus critérios de organização. Os encontros serão realizados na Academia Brasileira de Música, que tem colaborado para a realização das últimas Bienais.

Entrega de gravações

Durante a XIX Bienal, será iniciada a entrega de cópias de 1.212 gravações a 366 compositores. Essas gravações, conservadas no Centro de Documentação da Funarte, foram feitas durante os dois Festivais de Música da Guanabara, nas 18 Bienais anteriores, e em eventos como os Panoramas da Música Brasileira Contemporânea. A maioria delas não foi ouvida por seus criadores e intérpretes. Elas constituem um acervo único da música erudita brasileira no séc. XX, avançando pelo séc. XXI. Esse acervo é parte de um conjunto maior de gravações, muitas delas ainda por tratar. A entrega das cópias aos compositores é um primeiro passo no sentido de viabilizar a difusão dessas gravações pelo Portal Funarte e, eventualmente, por outros órgãos públicos, após serem também consultados os intérpretes. De posse das cópias de gravações de obras suas, os compositores poderão delas se servir, para a divulgação de seus trabalhos, ouvidos os intérpretes respectivos.

Flávio Silva

Participações de 412 compositores nas 19 Bienais

segunda coluna: quantidade de participações, da primeira à 16ª Bienal

terceira coluna: quantidade de participações, da 17ª à 19ª Bienal

COMPOSITORES	BIENAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Acácio Piedade		1
Agnaldo Ribeiro	12	
Alberto Nepomuceno	2	
Alceo Bocchino	1	
Alda de Oliveira	4	
Alessandro Ferreira		1
Alex Kantorowicz		1
Alexandre Birnfeld	1	
Alexandre Eisenberg	4	
Alexandre Espinheira		1
Alexandre Fenerich	2	
Alexandre Ficagna		1
Alexandre Fracalanza		1
Alexandre Lunsqui		2
Alexandre Rachid	1	
Alexandre Sanches		1
Alexandre Schubert	5	3
Alfredo Barros	4	1
Almeida Prado	14	3
Aluisio Oidier		1
Amaral Vieira	2	
Ana Lúcia Fontenele	1	
Andersen Vianna	3	1
André Martins		1
André Pelagio Bessa	1	
André Vidal		1
Angélica Faria	5	
Antônio C. Borges Cunha	2	2
Antônio Guerreiro	5	
Antonio Jardim	6	
Antônio Ribeiro	1	2
Antônio Valente	1	
Aquiles Pantaleão	6	
Armando Albuquerque *	5	
Armando Lobo		1
Arnaldo Di Pace		1
Arrigo Barnabé	1	
Arthur Bosmans *	1	
Arthur Kampela	5	2
Arthur Rinaldi		1
Artur Rinaldi		1
Ascendino T. Nogueira *	3	
Augusto Valente	2	
Aurélio Edler Copes		1
Aylton Escobar	8	
Berthold Tuerke	1	
Beth Alamino	1	
Brasílio Itiberê *	1	1
Breno Blauth *	8	
Bruno Ângelo		3
Bruno Kiefer *	7	
Bruno Martagão	1	

COMPOSITORES	BIENAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Bruno Py	1	
Bruno Speranzaa	1	
Bruno T. Ruviano	2	2
Cacilda Borges Barbosa *	1	
Caio Senna	5	2
Calimério Soares *	2	3
Camargo Guarnieri *	12	1
Carlos Almada	6	1
Carlos César Belém	2	
Carlos Cruz	11	1
Carlos dos Santos		1
Carlos Galvão	1	
Carlos Henrique Pereira	1	
Carlos Stasi	2	
Carmo Bartoloni	1	
Celso Aguiar	2	
Celso Loureiro Chaves	2	
Celso Mojola	3	2
César de M. Haddad	1	
César Guerra-Peixe	11	
Chico Mello	3	
Christian Benvenuti		1
Cirlei de Hollanda	9	
Cláudia Alvarenga	1	
Cláudia C. Simões	1	
Cláudia Castelo Branco	2	
Cláudio Luz do Val	2	
Cláudio Santoro	11	
Clayton Mamedes		1
Conrado Silva	2	
Cristiano Figueiró	1	
Cristiano Melli		1
Cristina Dignart		2
Cyro Delvizio	1	
Daniel Barreiro		1
Daniel Havens	1	
Daniel Puig	2	1
Daniel Quaranta	3	1
Daniel Serale		1
Daniilo Valadão		1
Denise Garcia	3	
Dennys Walsh	1	
Didier Guigue	4	
Diego Silveira	1	
Dimitri Cervo	2	1
Diogo Ahmed		2
Edgard Felipe		1
Edino Krieger	10	2
Edmundo Villani Cortes	8	
Edson Gianesi	1	
Edson Tadeu		1
Edson Zampronha	5	2

COMPOSITORES	BIENAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Eduardo Bertola	3	
Eduardo Camenietzky	1	
Eduardo Campolina	2	
Eduardo Campos	1	
Eduardo Escalante	5	
Eduardo Farias	3	
Eduardo G. Álvares	8	2
Eduardo Miranda	1	
Eduardo Ribeiro	1	
Eduardo Seincman	4	
Egberto Gismonti	3	
Elaine Thomazi Freitas	4	
Eli-Eri Moura	7	2
Emanuel Pimenta	1	
Emilio Terraza *	4	
Ernani Aguiar	8	
Ernesto Hartmann		2
Ernesto Nazareth	1	
Ernst Mahle	14	3
Ernst Widmer *	10	
Estércio Marques Cunha	3	
Esther Scliar *	2	
Eunice Katunda *	2	
Fabia Ricci		1
Fabio Adour	1	
Fabio Bizzoni	1	1
Fabio Costa		1
Fabio del A. Taveira	1	
Fausto Borém	1	
Felipe Kirst Adami		1
Felipe Lara	2	1
Felipe Merker Castellani	2	
Felipe Pagliato		1
Fernando Ariani	6	
Fernando Cerqueira	9	
Fernando Iazzeta	5	2
Fernando Kozu		1
Fernando Riederer	1	1
Flavio Santos Pereira	2	1
Flo Menezes	3	
Francisco Mignone *	9	
Frederick de J. Carrilho	3	1
Frederico Richter	3	
Frutuoso Vianna *	1	
George Randolph	1	
Geraldo Magela	1	
Gerson Grunblatt	1	
Gilberto Carvalho	2	
Gilberto Mendes	14	1
Gilson Beck		1
Gisele Galhardo	1	
Guilherme Alencar Pinto	1	

COMPOSITORES	BIENAIIS	
	I a XVI	XVII a XIX
Guilherme Barroso		1
Guilherme Bauer	15	3
Guilherme B. Seixas	3	
Guilherme Bertissolo		1
Guilherme dos Santos		1
Guilherme Hermolin	1	
Guilherme Milagres	1	
Guilherme Nascimento	1	
Guilherme Paoliello	1	
Guilherme Vaz	2	
Gustavo Alfaix		1
Gustavo C. Guerreiro		1
Gustavo Penha		1
Gustavo S. de Souza	1	
Guto Caminhoto	3	
H. Dawid Korenchender	14	2
H. J. Koellreutter	12	
H. Juergen Ludwig	1	
Harold Emert	1	
Harry Crowl	7	2
Heber Schunemann	3	
Heitor Alimonda	4	
Heitor Oliveira		1
Heitor Villa-Lobos	2	
Helcio Müller	1	
Helio Bacelar Viana	1	
Helio Ziskind	1	
Henrique Autran Dourado	2	
Henrique Iwao		1
Henrique Morozowicz	8	1
Henrique Vieira		1
Hubertus Hoffmann	2	
Hudson Lacerda	1	
Ignacio de Campos	3	
Igor Lintz-Maués	2	
Igor Maia		1
Ilza Nogueira	3	1
Ivan Paparguerius		1
Ivan Eiji Simurra		1
Jaceguay Lins *	4	
Jailton de Oliveira	2	
Jamary de Oliveira	4	
James Correa	4	
Jamil Maluf	1	
Januibe Tejera	2	2
Jean-Pierre Caron		1
João C. Dalgalarrodo	3	
João de Souza Lima *	1	
João Guilherme Ripper	10	2
João Mendes *	5	
João Svidzinski		1
João Victor Bota		1
Jocy de Oliveira **	15	1
Jóélho Luiz Santos		1
Jonatas Manzoli	2	1
Jorge Antunes	13	2
Jorge Meletti	2	1
José Alberto Kaplan *	10	

COMPOSITORES	BIENAIIS	
	I a XVI	XVII a XIX
José Augusto Mannis	6	
José Orlando Alves	3	2
José Penalva *	4	
José Rafael Valle		1
José Siqueira *	7	1
José Vieira Brandão *	2	1
Juliano Vale		1
Juracy Cardoso	1	
Kilza Setti	3	
Lau Medeiros	1	
Leandro Turano	1	
Lelo Nazario	1	
Leo Vieira	1	
Leonardo de Assis Nunes		1
Leonardo Fuks	2	
Leonardo Martinelli	1	
Leonardo Sá	5	
Liduíno Pitombeira	3	2
Lindembergue Cardoso *	10	
Lindolfo Bicalho	2	
Lívio Tragtemberg	4	
Lourdes Saraiva	2	
Lourival Silvestre	7	
Luciano Cardoso	1	
Luciano Leite Barbosa		1
Lúcio Zandonadi		1
Lucius Mota	1	
Luigi A. Irlandini	9	
Luis Felipe Damiani		1
Luis Passos		1
Luis Vinholes	3	
Luiz Carlos Csekö	11	3
Luiz Castelões P. da Silva	2	
Madalena Bernardes	1	
Manuel Falleiros		1
Marcelo Birk	2	
Marcelo Bittencourt	1	
Marcelo Carneiro de Lima	3	2
Marcelo Chiaretti		1
Marcelo Conduru	2	
Marcelo Malta	1	
Marcelo Dhara		1
Marcelo Rauta		1
Marcílio Onofre	1	1
Marcílio R. dos Santos		1
Marcio Bartallini Conrad	2	
Marcio Cortes	1	
Marco Feitosa		2
Marcos Alessi Bittencourt		1
Marcos Branda Lacerda	1	1
Marcos Câmara	3	
Marcos Campello		1
Marcos di Silva		1
Marcos Lozano		1
Marcos Lucas	4	2
Marcos Mesquita	5	1
Marcos Nogueira	4	2
Marcos Silva Ramos	1	

COMPOSITORES	BIENAIIS	
	I a XVI	XVII a XIX
Marcos Steuernagel **		1
Marcus A. Bittencourt		1
Marcus B. de Siqueira	4	2
Marcus Ferrer	4	
Maria H. Rosas Fernandes	10	2
Maria Helena da Costa	2	
Maria Ignez Cruz Mello	1	
Mario Ficarelli	16	3
Mario J. Ferraro	2	2
Mario Tavares	5	
Marisa Rezende	12	3
Marlos Nobre	10	
Martin Hauser	1	
Matheus G. Bitondi	1	
Maurício de Bonis		1
Maurício Dottori	1	2
Maurício R. Vasconcelos	1	
Miguel Kertsman	1	
Miguel Prager Coelho	2	
Murilo Santos	16	3
Mylson Joazeiro	1	
Natan Duvires		1
Nayla Barros		1
Neder Nassaro	5	1
Nelson de Macedo	9	
Nelson Salomé	1	
Nestor de H. Cavalcanti	15	2
Ney Rosauro	1	
Nikolai Brucher	1	3
Nilson Lombardi *	1	
Norton Dedeque	1	
Odemar Brígido	9	
Oiliam Lana	2	
Olivier Toni	1	
Osvaldo Lacerda *	12	1
Otávio Soares Brandão	1	
Pablo Aldunate		1
Pablo Castelar	1	
Pablo Panaro		1
Patrícia Regadas	1	
Paulo Chagas	3	2
Paulo Costa Lima	11	
Paulo Dantas	2	1
Paulo de Oliveira Rios Fº		2
Paulo de Tarso Salles	1	2
Paulo Guicheney	1	3
Paulo Libânio	2	
Paulo Raposo		2
Pauxy Gentil-Nunes	11	1
Pedro Augusto Dias	4	1
Pedro Kroger	3	1
Peter Schuback	1	
Potiguara Menezes		1
Radamés Gnattali *	7	
Rael B. Gimenes		1
Rafael Bezerra		1
Rafael Nassisf	1	1
Randolf Miguel	1	

COMPOSITORES	BIENAIAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Raphael Baptista *	1	
Raul do Valle	14	3
Renato Godoy	1	
Renato Vasconcelos		1
Ricardo Rappoport	1	
Ricardo Szpilman		1
Ricardo Tacuchian	16	3
Roberto Macedo Ribeiro	2	1
Roberto Toscano		1
Roberto Victorio	12	3
Roberto Votta		1
Rodolfo Caesar	12	
Rodolfo Coelho de Souza	12	1
Rodolfo Richter	1	
Rodolfo Vaz Valente		1
Rodrigo A. de Muniagurria		1
Rodrigo Cichelli Velloso	8	1
Rodrigo Garcia		1
Rodrigo Lima	1	2
Rodrigo Marconi		1
Rodrigo Vitta	1	
Rogério Borda	1	
Rogério Constante		1
Rogério Costa	1	2
Rogério Krieger		2
Rogério Vasconcelos	2	1
Ronaldo Miranda	14	2
Roseane Yampolschi	5	1

COMPOSITORES	BIENAIAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Rubens Ricciardi	2	
Rudá Brauns	1	
Rufo Herrera	5	
Ruy B. Borges	1	
Salomão Habib		1
Samuel Peruzzolo-Vieira		1
Sérgio Rojas	2	
Sérgio Assad	1	
Sérgio Barbosa de Souza	1	
Sérgio Brandão	1	
Sérgio Canedo	1	
Sérgio di Sabbato	4	1
Sérgio Freire	3	1
Sérgio Guimarães	1	
Sérgio Igor Chnee	2	
Sérgio Kaféjian		1
Sérgio R. de Oliveira	3	
Sérgio Vasconcelos- Corrêa	13	
Silvia Berg	1	
Silvia de Lucca	2	2
Silvio Ferraz	8	2
Siri		1
Sub-total		
TOTAL		
Tania Lanfer Marques		1
Tatiana Catanzaro	1	1
Tato Tabora	13	
Teresa Fagundes	6	

COMPOSITORES	BIENAIAS	
	I a XVI	XVII a XIX
Thiago Sias		2
Ticiano Rocha		1
Tim Rescala	11	3
Vagner Bonella Cunha		2
Valéria Bonafé		1
Valério Fiel da Costa	1	1
Vanda Freire	2	
Vania Dantas Leite	11	
Vera Terra	4	
Vicente Alexim		1
Victor Lazzarini	2	
Vinicius Calviti	2	
Vinicius Giusti		1
Waldemar M. Reis	2	
Walter Smetak	1	
Washington Denuzzo		2
Welligton Sousa		1
Wellington Gomes	8	1
Wenceslau Moreira	1	
Willy Correa de Oliveira	8	
Xico Chaves	1	
Yahn Wagner	2	1
Yanto Laitano	2	1
Yaskara Tonin	1	
Yuri Prado		1
Zoltan Paulinyi	1	1
Sub-totais	1.161	274
TOTAL		1.435

* compositores falecidos

** na terceira coluna, a soma inclui duas obras compostas para a XIX Bienal e que, por razões técnicas, não serão executadas nesse evento. Elas não aparecem no programa por terem sido excluídas antes de sua impressão, mas são consideradas como integrantes do repertório desse evento.

Observações:

1) as quantidades de participações foram buscadas nos programas impressos das 19 Bienais;

2) essas participações significam que o compositor apresentou uma ou mais obras numa Bienal, e não a quantidade de obras suas nela apresentadas.

Em geral, cada Bienal só apresenta uma obra por compositor. Em alguns casos, obras mencionadas no programa não foram executadas por impedimentos de última hora, mas essas menções são consideradas como válidas para fins de contagem;

3) Estreias de compositores:

na XIX Bienal (terceira coluna) - 23

na 17ª e na 18ª Bienais (terceira coluna) - 80

da primeira à 16ª Bienais (segunda coluna) - 309

total, da primeira à 19ª Bienais - 412

A XIX Bienal saúda os compositores Acácio Piedade, Alessandro Ferreira, Alex Kantorowicz, Alexandre Fracalanza, Arnaldo Di Pace, Carlos dos Santos, Christian Benvenuti, Danilo Valadão, Edgard Felipe, Gilson Beck, Gustavo Alfaix, Henrique Vieira, Igor Maia, Ivan Paparguerius, Ivan Eiji Simurra, João Victor Bota, Leonardo de Assis Nunes, Manuel Falleiros, Marcus Alessi Bittencourt, Nayla Barros, Rael B. Gimenes, Roberto Votta e Samuel Peruzzolo-Vieira, vencedores do Concurso Funarte de Composição 2010, que pela primeira vez comparecem a uma Bienal de Música Brasileira Contemporânea.

Favor informar correções e acréscimos às informações acima através do e-mail clássicos@funarte.gov.br

A Funarte, mais perto de você

Centro de Documentação e Informação

Importante acervo de documentos nacionais e estrangeiros: livros, periódicos, textos teatrais, partituras, gravações sonoras, cartazes, fotografias, e uma rica coleção de dossiês de impressos e de recortes de periódicos. Mais de um milhão de documentos relacionados às artes cênicas, cinema, fotografia, música e artes visuais.

Atendimento: segunda a sexta-feira, 10 h às 17 h., à Rua São José, 50, centro do Rio de Janeiro.

Telefones: (21) 2533.8090 ramais 202/203/204/205; (21) 2533.7065; e-mail: cedoc@funarte.gov.br

Portal das Artes

Em <http://www.funarte.gov.br>, as atuações da Funarte em música, artes visuais, circo, dança, teatro, literatura e artes integradas.

Brasil Memória das Artes

A história das artes no país através do acervo Funarte: músicas, depoimentos em áudio, galerias de fotos, cartazes, programas, reportagens de jornal e documentos raros digitalizados.

Em www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes:

- gravações de música de concerto, do projeto Memória Musical Brasileira – Pro-Memus;
- gravações de música popular brasileira da série Projeto Almirante;
- espetáculos do Projeto Pixinguinha e das Salas Funarte;
- trajetória de artistas brasileiros em vídeos;
- testemunhos de Paulo Autran, Tônia Carrero, Henriette Morineau, Cleide Yaconis e outros atores;
- acervos fotográficos de Carlos Moskovic e João Angelo Labanca.
- trajetórias de Nelson Rodrigues, Walter Pinto, Oduvaldo Vianna Filho, Paschoal Carlos Magno, Augusto Boal e outros personagens de nosso teatro;
- realizações da Funarte em seus 34 anos de história;

O projeto Brasil Memória das Artes é apoiado pela Petrobras, Itaú Cultural e Cia. Siderúrgica Nacional/CSN.

Centro da Música / Cemus, da Funarte

Atuações recentes nas áreas de música clássica e de música popular:

- circulação de compositores e intérpretes para apresentações no país;
- concertos didáticos em escolas da rede pública;
- apoio aos coros: cursos de reciclagem para regentes e coralistas; edição digitalizada de partituras, incluindo informações técnicas e interpretativas, textos em inglês, gravação sonora da obra musical e do texto literário (baixa via Portal Funarte);
- apoio às tradicionais bandas de música: cadastramento, doação de instrumentos de sopro e cursos para manutenção e reparo desses instrumentos, cursos de reciclagem para regentes e instrumentistas; edição de partituras e respectivas partes cavadas (baixa via Portal Funarte em preparação);
- cursos de reciclagem para músicos de choro;
- capacitação e aperfeiçoamento de artistas e técnicos;
- produção e à difusão de CDs prensados ou virtuais;
- articulação do setor e promoção de debates sobre políticas públicas para a música;
- edição virtual ou impressa de livros sobre música;
- apoio a orquestras sinfônicas, de câmara e de cordas, mediante fornecimento de recursos para aquisição de instrumentos e suas partes, peças e acessórios.

Mais informações:

www.funarte.gov.br/musica
cemus@funarte.gov.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO UFRJ



SECRETARIA DE CULTURA

FUNARJ

SOMANDO FORÇAS



Ministério da Cultura

